

Universidade Federal de Alagoas  
Instituto de Ciências Sociais – ICS  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS/ UFAL

Agaítalo Vasconcelos Junior

**Secos ou Molhados:**

**Diálogos e Imagens que Constroem Corporeidades com Hiperidrose na Rede.**



MACEIÓ

2020

Universidade Federal de Alagoas  
Instituto de Ciências Sociais – ICS  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - PPGAS/ UFAL

Agaítalo Vasconcelos Júnior

**Secos ou Molhados:**

**Diálogos e Imagens que Constroem Corporeidades com Hiperidrose na Rede.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Alagoas para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social, sob a orientação de Sílvia A. C. Martins, Ph.D. e co-orientação da Dra. Ana Laura Loureiro Ferreira

MACEIÓ  
2020

Catálogo na fonte  
Universidade Federal de Alagoas  
Biblioteca Central  
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

- V331s Vasconcelos Júnior, Agaítalo.  
Secos ou molhados : diálogos e imagens que constroem corporeidades com hiperidrose na rede / Agaítalo Vasconcelos Júnior. - 2020.  
76 f. : il. color.
- Orientadora: Sílvia Aguiar Carneiro Martins.  
Co-orientadora: Ana Laura Loureiro Ferreira.  
Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Sociais. Maceió, 2020.
- Bibliografia: f. 72-76.
1. Hiperidrose. 2. O contemporâneo. 3. Internet. I. Título.

CDU: 39

## FOLHA DE APROVAÇÃO

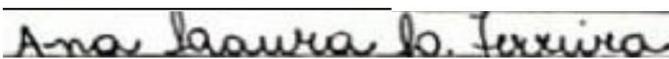
### Banca Examinadora

Orientadora: Sílvia Aguiar Carneiro Martins, Ph.D./PPGAS/ICS/UFAL



---

Co-Orientadora: Dra. Ana Laura Loureiro Ferreira/SEMA/Prefeitura de Paulista/PE



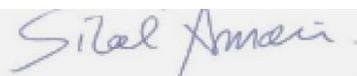
---

Membro Externo: Dr. Amaro Braga Xavier/PPGS//ICS/UFAL



---

Membro Interno: Dr. Siloé Soares de Amorim/PPGAS/ICS/UFAL



---

Toda honra à minha mãe,

**Maria Petrócia do Nascimento**

## AGRADECIMENTOS

Inicialmente devo total crédito às conseqüências movidas pelo universo que me permitiram conjugar esse tempo de mestrado. Agora posso ser chamado de antropólogo ou pessoa que construiu um novo olhar para observar a alteridade humana. Nessa caminhada devo gratidão ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social-PPGAS-UFAL e a todos aqueles que contribuíram para a construção desta etapa da minha vida acadêmica, uma gratidão que se inicia na troca mais direta com os amigos na sala de aula, se transfere para os talentosos professores e todo o conhecimento que nos foi transmitido e é finalizada pela agilidade nas demandas burocráticas desempenhadas pela secretária Raniella Barbosa.

Sou muito grato também ao NAC<sup>1</sup> que me auxiliou desde o processo de seleção com a transcrição das avaliações e se mostrou sempre disposto a ajudar-me em todas as etapas da minha estada no mestrado. Sou imensamente grato a esse segmento da nossa universidade sempre tão prestativo e disposto a ajudar. Nessa última etapa do trabalho devo gratidão à sagacidade de sua assistente social Danielly Spósito.

Agradeço à professora Nádia Meinerz por me acolher, com toda a sua doçura, durante o estágio de docência e por tornar esse momento tão rico em aprendizagens, descobertas e ressignificações. Sou muito grato pela oportunidade de compor duas turmas da professora Fernanda Rechenberg, quando pude acompanhar seu talento e absorver toda a variedade de conhecimentos transmitidos pela mesma.

Grandioso também é meu agradecimento à minha orientadora Silvia Martins que além de enriquecer este trabalho com suas dicas fundamentais, permitiu que a Dra Ana Laura Loureiro fosse minha co-orientadora. A Ana Laura que chamo carinhosamente de “meu presente”, foi uma das melhores coisas que me aconteceu nesse mestrado, por duas vezes me senti triste devido ao andamento desta dissertação, mas o “meu presente” me fez perceber o quanto eu já tinha feito e assim segui adiante com maior confiança.

---

<sup>1</sup> Núcleo de Acessibilidade da Universidade Federal de Alagoas.

Por isso terei uma gratidão eterna com a minha orientadora Sílvia Martins por ser uma antropóloga tão humana, permissiva e inteligente e ao “meu presente” Ana Laura.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa em Alagoas - FAPEAL pela bolsa que financiou essa pesquisa e trajetória acadêmica.

Devo também ao criador do mundo por me permitir essa espécie de ressignificação do meu presente, para alguém que recebeu um prognóstico biomédico de mais algumas poucas horas de vida. A certeza da superação nunca me abandonou e provou que eu conseguiria me reerguer e aqui estou, narrando minhas experiências vivenciadas num passado recente à escrita desse trabalho, afinal, estamos em constante movimento e numa busca constante pelo evolução pessoal.

*Estou na borda desta multidão, na periferia; mas pertencço a ela, a ela estou ligado por uma extremidade de meu corpo, uma mão ou um pé. Sei que esta periferia é o meu único lugar possível, eu morreria se me deixasse levar ao centro da confusão, mas também, certamente, se eu abandonasse a multidão. Não é fácil conservar minha posição.*

**Gilles Deleuze & Félix Guattari (1995)**

## Resumo

A presente dissertação é uma autoetnografia sobre pessoas que utilizam as atuais ferramentas da comunicação para compartilhar experiências e emoções relacionadas ao suor constante, condição classificada pela ciência Biomédica como Hiperidrose. Nesse estudo, as narrativas são elaboradas, difundidas e observadas em um grupo virtual fechado, localizado na rede social virtual *Facebook*. Os signos iniciais dessas corporeidades se revelaram a partir da frequência de comentários sobre possuir uma ou várias partes do corpo constantemente suadas, seguido de debates que destacam a dificuldade de “ser mulher e ter Hiperidrose”, referindo-se às limitações de externar elementos e/ou posturas ligadas à expressão social do gênero feminino. Também pontuo a autoetnografia e o paradigma da reflexividade da voz que permitem a existência de um tipo possível de narrativa de cunho subjetivo onde a escrita revela-se como uma adequação à análise das práticas comunicacionais da internet (WAAL, 2006). Por fim, discuto como nós integrantes do grupo virtual nos apropriamos dessas ferramentas tecnológicas para compartilharmos fotografias relacionadas ao suor e à Hiperidrose, nesse trabalho de catalogação das imagens, também destaco o compartilhamento de selfies e quais os tipos de comentários suscitados.

Palavras chave: Suor, Hiperidrose, Corporeidades, Internet.

## ABSTRACT

This dissertation is an autoethnography about people who live with the condition of Hyperhidrosis and share their experiences in a closed virtual group located on the social network Facebook. My insertion in this group allowed me to perceive the formation of corporealities with Hyperhidrosis from the observation of the dialogues that are shared and the photographs posted within the group. The initial signs of these corporealities were revealed from how often comments were posted about having one or several parts of the body constantly sweating, which were followed by debates that highlight the difficulty of “being” someone with Hyperhidrosis, referring to the limitations of expressing elements and / or postures linked to the social expression of the female gender, for example. Another important theme that I highlight is the reflexive voice paradigm that allows the existence of a possible type of subjective narrative where writing reveals itself as an adaptation to the analysis of internet communication practices (WAAL, 2006). Finally, I discuss how we members of the virtual group take ownership of technological tools through the sharing of selfies which, when combined in categories, allow us to build a contribution to a possible experience of corporeality.

Keywords: Sweat, Hyperhidrosis, Corporealities, Internet.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES<sup>2</sup>

Figura 1: Fotografia da Capa : MÃOS SUADAS	
Figura 2: MATHEUS .....	19
Figura 3: DESABAFO DE CARLOS.....	30
Figura 4: SOLIDARIEDADE DE JULIA.....	31
Figura 5: ACRÉSCIMO DE CARLOS .....	31
Figura 6: OS EXEMPLOS DE LURDES .....	32
Figura 7: VIVÊNCIAS DE WANNESSA.....	32
Figura 8: OUTRAS VIVÊNCIAS .....	33
Figura 9: DESABAFO DE EMERSON .....	33
Figura 10: SUOR FACIAL EM MULHER .....	38
Figura 11: A VIDA DE ANTÔNIO .....	42
Figura 12: COMPARAÇÕES DE DENY.....	43
Figura 13: VIVÊNCIAS DE PAULA .....	43
Figura 14: VIVÊNCIAS DE ANDRESSA .....	43
Figura 15: EXEMPLOS DE NEIDE .....	44
Figura16: APOIO DE VÍTOR .....	44
Figura17: SOLIDARIEDADE DE MARCELO.....	45
Figura 18: SOLIDARIEDADE DE CAMILA .....	45
Figura 19: EXPERIÊNCIAS DE VITOR.....	46
Figura 20: INDAGAÇÕES DE MARTA .....	50
Figura 21: OPINIÃO DE VÂNIA .....	50
Figura 22: VIVÊNCIAS DE PEDRO .....	50
Figura 23: EXPERIÊNCIAS DE FERNANDO .....	51
Figura 24: VIVÊNCIAS DE ROSANA .....	51
Figura 25: VIVÊNCIAS DE ANA MARIA .....	51
Figura 26: QUESTIONAMENTO DE AFRA .....	55
Figura 27: RESPOSTAS À AFRA .....	55
Figura 28: EXPERIÊNCIAS DE SILVANA .....	56
Figura 29: OPINIÕES .....	56
Figura 30: RELATOS DE ALICE .....	56
Figura 31: RELATOS AFRA .....	57

---

<sup>2</sup> Todas as imagens fotográficas e em *prints* que compõem esta dissertação foram retiradas do grupo virtual “Os Hiperidróticos” no intervalo de tempo que vai de dezembro de 2016 a dezembro de 2019. Seguindo conduta ética foi mantido o anonimato de suas autorias através de técnicas de edição de imagens.

Figura 32: RELATOS DE DIANE.....	57
Figura 33: PÉS SUADOS.....	59
Figura 34: VENDE-SE .....	64
Figura 35: REVENDAS .....	65
Figura 36: SOLUÇÕES .....	66
Figura 37: DÚVIDAS DE JULLY .....	67
Figura 38: BUSCAS .....	68
Figura 39: REVELAÇÕES .....	69
Figura 40: BUSCA DE APOIO .....	70

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. “Não Estou Sozinho”: a Hiperidrose como Objeto de Investigação .....	19
2.1 Minha Produção Excessiva de Suor como Ponto de Partida para a Investigação .....	20
2.2 Meu Ingresso no Grupo Virtual: Resignificações e a Escolha da Metodologia .....	23
2.3 O Grupo Virtual “Os Hiperidróticos” e as Primeiras Reflexões Sobre a Condição de Estar Sempre Suado.....	27
3.. Aspectos Mais Evidentes Dessas Corporeidades.....	38
3.1 A Antropologia Percebendo os Estados de Saúde e de Doença .....	39
3.2 Encenando corporeidades .....	41
3.3 Suor e as Situações Vexatórias: Corporeidades que Compreendem o Próprio Suor como um Tipo de Perigo .....	47
3.4 A Sudação Interferindo na Performance Social do Gênero .....	52
4. Imagens do corpo com Hiperidrose enquanto representações do corpo....	59
4.1 O Uso de Imagens nas Pesquisas Sociais.....	60
4.2 A relação da Antropologia com as imagens .....	61
4.3. O Compartilhamento das Selfies: os Autorretratos das Sociedades Conectadas .....	62
4.4. “Pequena história da fotografia” nas redes sociais e do grupo virtual ..	63
4.5 <i>Sobre as imagens</i> .....	63
5. ALGUNS APONTAMENTOS FINAIS .....	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	73

# 1. INTRODUÇÃO

Na classificação desse trabalho como etnográfico me apoio em Miller e Slater (2004) que questionam pressupostos comuns nas pesquisas feitas na internet, acerca da distinção entre o *on-line* e o *off-line*, por isso, no presente exercício dissertativo essa dicotomia será uma evidência permanente, por se tratar de um trabalho realizado em um ambiente virtual, onde os debates são elaborados a partir de experiências sentidas pelo corpo em momentos anteriores à postagem. Minha inserção no *on-line* possibilitou perceber, e posteriormente narrar, algumas corporeidades com Hiperidrose elaboradas para o debate na internet. A construção dessas corporeidades me fora permitida a partir da constatação dos vários diálogos que se repetiam e do compartilhamento de diversas fotografias com partes do corpo acometidas pelo suor constante e interpretadas como parcela constituinte dessas corporeidades.

Destaco que as corporeidades descritas na construção dessa pesquisa partem da minha interpretação enquanto estudante de mestrado em Antropologia Social. É também uma construção subjetiva vivenciada através da condição do suor excessivo. Essa última característica permitiu minha imersão no universo *on-line*, inicialmente enquanto pessoa com Hiperidrose e, posteriormente, caminho até tornar-me um pesquisador *Insider*. Esse movimento permitiu a ressignificação do meu papel no grupo, inicialmente pautado na singularidade de experiências pessoais com os outros integrantes, hoje, guiado pelo debate antropológico, exerço a dupla função de participar e posteriormente narrar minha interpretação dos processos comunicacionais existentes entre todos que integram o grupo virtual (AMARAL, 2008). O modo como os indivíduos experienciam as secreções corporais, indica como determinados grupos se percebem e utilizam seus corpos como instrumentos relacionais com o mundo, pois de acordo com Le Breton (2009),

Cada comunidade humana elabora seu próprio repertório sensorial como universo de sentido. Cada ator apropria-se do uso desse repertório sensorial de acordo com a sensibilidade e os acontecimentos que marcaram sua história pessoal. (LE BRETON, 2009, p. 55).

A afirmação acima nos revela, de modo geral, alguns princípios de entendimento da forma como as sociedades humanas se organizam e as maneiras pelas quais as diferentes culturas expressam apropriações do corpo humano. Esses modos nos mantêm num nível de generalidade que nos proporciona traçar de modo objetivo o tema central de nosso trabalho.

Trataremos agora de voltar nossos olhos para a hiperidrose, onde objetivaremos compreender o significado particular que alguns indivíduos mantêm de seu corpo suado e com corpos alheios. Inicialmente será necessário apontarmos para o conceito de Hiperidrose<sup>3</sup>, pois ele nos permitirá a compreensão da temática, além de possibilitar uma melhor análise do significado social da questão. Portanto, a Hiperidrose está diretamente ligada ao processo de sudação<sup>4</sup> excessiva desempenhado pelas glândulas sudoríparas Écrinas que são as responsáveis por nossa termorregulação interna onde a partir da secreção do suor, resfriam nosso corpo e impedem-no de atingir uma temperatura muito elevada. Embora esteja evidente que suar é necessário para o equilíbrio da nossa temperatura corpórea interna, a condição da Hiperidrose ultrapassa essa necessidade e acomete entre 1% a 2% da população (SOCIEDADE BRASILEIRA DE DERMATOLOGIA-SDB, 2019). É válido ressaltar que essa condição atinge de sobremaneira a vida de seus acometidos à medida que causa situações incômodas e/ou vexatórias, pois atividades cotidianas como escrever, apertar a mão de outra pessoa ou segurar papéis, entre outras, são diretamente afetadas por ela. De acordo com Diehl (2004), os indivíduos vivenciam a sudação sem que haja nenhum tipo de alteração emocional, nem a ocorrência de qualquer situação exterior que possibilite a aparição. Também parece ser um dado assertivo que estar sempre suado gera discriminação e cria determinados estereótipos e, muitas vezes, esses indivíduos são considerados pessoas ansiosas, nervosas ou inseguras (DIEHL,2004). Essa condição pode revelar, na visão do expectador, que o outro não tem cuidados com a higiene corporal ou sofre de algum descontrole emocional. Ter Hiperidrose pode interferir, significativamente, na nossa

---

<sup>3</sup> No presente trabalho chamarei Hiperidrose apenas de “hiper”, o que por sua vez revela uma certa intimidade com a condição e reproduz o modo como ela é referida entre os participantes do grupo virtual pesquisado (os hiperidróticos).

<sup>4</sup> Substantivo Feminino que designa o ato ou efeito de suar. Disponível em [https://www.google.com/search?q=O+que+%C3%A9+suda%C3%A7%C3%A3o&gs\\_lvs=1#tts=0](https://www.google.com/search?q=O+que+%C3%A9+suda%C3%A7%C3%A3o&gs_lvs=1#tts=0) . Acesso em Fev./2020.

No presente trabalho adotarei o termo como um sinônimo para Hiperidrose.

qualidade de vida e comprometer atividades profissionais, sociais, educacionais e, muitas vezes, afetivas também (DIEHL, 2004).

A Hiper está dividida em dois tipos específicos, de um lado temos a Hiperidrose primária<sup>5</sup>, que é a mais comum e na maioria dos casos encontra-se localizada em partes do corpo mais pontuais, tais como nas mãos (Hiperidrose palmar), axilas (Hiperidrose axilar), nos pés (Hiperidrose plantar) ou na cabeça e rosto (Hiperidrose crânio facial). No outro pólo, temos a Hiperidrose secundária que está associada à obesidade, menopausa, uso de drogas antidepressivas, alterações endócrinas ou neurológicas com disfunção do sistema nervoso (SANTANA, 2012).

A depender do nível de incômodo proporcionado pela sudação excessiva, algumas soluções são oferecidas a exemplo dos paliativos tópicos à base de cloreto de alumínio ou o uso da toxina botulínica, onde essa substância é capaz de bloquear o estímulo de suor incidindo diretamente na glândula sudorípara, reduzindo a produção de suor. Muito embora a durabilidade desse processo é muito curta, com resultados que podem chegar até seis meses (DIEHL, 2004).

Para realizar este trabalho e também por ter Hiperidrose, optei pela investigação autoetnográfica que se trata de um método de pesquisa emergente que possibilita que o autor personalize seu estilo de escrita, apoiado em sua experiência a fim de ampliar a compreensão sobre um fenômeno social. Este método está amplamente ligado à filosofia pós moderna e nos revela o nível de proximidade na relação entre os sujeitos observados e o pesquisador (WALL, 2006).

Wall (2006, p.1) define a autoetnografia como sendo

[...] fundamentada na filosofia pós-moderna e está ligada ao crescente debate sobre reflexividade e voz na pesquisa social. A intenção da autoetnografia é reconhecer a ligação inextricável entre o pessoal e o cultural e abrir espaço para formas não tradicionais de investigação e expressão.

Em sua obra *O Efeito Etnográfico e outros Ensaio*, a antropóloga britânica Marilyn Strathern (2014) disserta sobre o modelo contemporâneo de se fazer

---

<sup>5</sup> Muito embora, na prática quando observarmos determinadas vivências, no grupo virtual, essa pontualidade da Hiper primária é apenas conceitual, visto que a grande maioria dos integrantes do grupo possui Hiper primária e sua em duas ou mais partes do corpo.

Antropologia dentro da sociedade do investigador, classificando-o como metodologia que rompe com os moldes clássicos. Strathern (2014) afirma que quando o etnógrafo decide investigar sua própria sociedade com espírito de honestidade e diferença, ele chega a um melhor entendimento do que chegaria em outro lugar, pois não há necessidade de transpor barreiras culturais.

Esse melhor entendimento poderá parecer extremamente enriquecedor ou extremamente trivializante, mas em qualquer um dos casos a quantidade de informação a ser obtida por alguém de dentro amplia o que as pessoas sabem sobre elas mesmas (STRATHERN, 2014, p.136).

Wall (2006) amplia o debate alegando que quando os pesquisadores realizam investigações tradicionais, acabam por minimizarem o próprio ego e passam a enxergar a si mesmos como contaminantes, sendo assim, buscam transcender-se e evitam sua subjetividade, ou seja, sua própria identidade no processo de construção da cientificidade, pois a preocupação com a localização do conhecedor e o contexto de suas descobertas serão sempre demônios à porta de uma ciência positivista. Dando continuidade à temática, Wall (2006) discorre sobre a reflexividade da voz, e afirma que desde quando a etnografia tradicional foi criticada pela primeira vez, levantou-se um debate acerca da representação política e cultural, ou seja, quem deveria representar quem. Pois em pesquisas que buscam descobrir a experiência pessoal, há uma relação única entre pesquisador e participante, então sugere-se a liberdade de um pesquisador falar como participante de um projeto de pesquisa, misturando sua experiência com a experiência dos estudados. Se a voz do pesquisador é omitida de um texto, a escrita é reduzida a um mero resumo e interpretação dos trabalhos de outros.

Para a construção desse trabalho me apoio no conceito de “corporeidade”, obtido a partir da obra *Corpo Significado/cura*, do antropólogo Thomas Csordas (2008), que elabora o paradigma da corporeidade pautado na ideia de que as experiências corpóreas nos torna humanos. O autor traz um paradigma que visa interpretar as ações culturais com seus inúmeros significados onde os indivíduos se percebem e se constroem enquanto seres corporificados que compartilham experiências sociais, mas que carregam um significado particular. O autor está se

referindo às emoções, às percepções, ou seja, àquilo que o sujeito ainda não comunicou ao outro através da fala.

Grandiosa é a oportunidade que a internet traz para o cientista social de hoje, colocando o mundo social e toda a sua complexidade diante de seus olhos. De acordo com Fragoso (2011), os métodos e as teorias simplistas da metade do século XX estão obsoletos, porém, isso não implica abandonar a perspectiva empírica, mas sim reinventar novos métodos para se apreender o universo das trocas sociais.

Novos espaços antropológicos são fornecidos pelas redes e esses espaços recriam novas práticas culturais e identitárias. Cabe ressaltar que nestes recém criados espaços de socialização são gerados novos mecanismos de participação, negociação, cooperação, exclusão e intimidade, enfim, uma nova democracia é construída ( LEVI, 1996).

Segundo Domingues (2004), a internet provocou uma revolução tecnológica sem precedentes, uma verdadeira revolução entre os homens, onde as transformações proporcionadas pelo computador desencadeiam novas formas de interagir entre o ambiente e os humanos conectados. Por esse motivo se faz necessário um olhar antropológico sobre o tema, pois sabemos que a Antropologia desenvolveu grande universo conceitual e metodológico para o estudo sistemático dos modos culturais de pensar e agir dos homens, sendo possível analisar as interações e contradições entre os modelos adotados em cada organização.

A pesquisa desenvolvida para esse estudo, no grupo virtual sobre hiperidrose, passou a ser realizada após me apresentar ao grupo como pesquisador. Pedi autorização para utilizar os dados coletados na construção de minha dissertação de mestrado. Comentei também que na versão final do trabalho não seria divulgado o nome do grupo, tampouco a identificação de nenhum dos participantes. Em seguida, pedi permissão também para utilizar as fotografias e as *selfies*<sup>6</sup> compartilhadas no interior do grupo, ou seja, são autorretratos de partes do corpo molhadas de suor divulgadas, a fim de se enaltecer alguma parte do corpo acometida pela Hiper. Nessas *selfies* preservo também suas identidades a fim de manter a integridade dos participantes. A coleta dos dados que baseou a elaboração dessa pesquisa se iniciou

---

<sup>6</sup> No capítulo 3 descrevo melhor o conceito de *selfie*.

em dezembro de 2016 e se estendeu até dezembro de 2019. Sendo assim, todos os *prints* dos diálogos e as *selfies* selecionados estão contidos nesse intervalo de tempo.

A presente dissertação é composta por três capítulos resultado da minha inserção no *On-line*, Os dados são construídos a partir de uma autoetnografia que visa compreender como nós os Hiperidróticos significamos nosso próprio corpo. Isso é realizado, observando de que forma esses significados interferem na relação que mantemos com nosso corpo. Assim, estarei atento à influência dos fatores sociais e culturais na construção de formas de pensar e agir frente a Hiperidrose, considerando também meus próprios dados subjetivos.

No capítulo inicial, narro minha própria trajetória com a condição de Hiperidrose e posteriormente narro meu ingresso na comunidade virtual e as ressignificações do meu próprio corpo suado posteriores ao ingresso. Já o capítulo seguinte, serve como fundamento para o trabalho por apresentar corporeidades com Hiperidrose que se repetem ao longo dele. Alguns diálogos são evidenciados através de *prints* a fim de se revelar a existência de interpretações análogas aos debates teóricos utilizados na construção dessa dissertação. No capítulo três, realizo um levantamento quantitativo das fotografias e dos autorretratos (*selfies*) compartilhados a fim de se perceber como essas corporeidades são posicionadas na rede social.

Posteriormente, elaboro apontamentos conclusivos que revelam meu processo de autopercepção e ressignificação das corporeidades com hiperidrose a partir de dados indicadores que permitem compreender a sudação enquanto condição corporalizada. Essa condição é vivenciada por indivíduos que compartilham corporeidades elaboradas dentro do ambiente virtual através dos processos comunicacionais existentes entre todos os participantes.

## 2 “Não Estou Sozinho”: a Hiperidrose como Objeto de Investigação

Neste capítulo, descrevo minha trajetória pessoal com a Hiperidrose e como a busca por respostas para seus efeitos, experienciados pelo meu corpo, permitiram meu ingresso em um grupo virtual que trata o tema e está localizado na rede social *Facebook*. Após meu ingresso, participei de vários debates, observações de sintomas, pedidos de ajuda. Constatei as limitações e vi como a condição molda a vida daqueles que convivem com ela. Podendo gerar rotinas, evitação de contatos físicos ou sociais, além de causar várias situações desconfortáveis ou vexatórias. Ao final do capítulo, discuto o olhar da Antropologia para os estados de saúde e de adoecimento.

A fotografia abaixo, postada na rede social investigada, demonstra um rosto masculino suado. Esse suor, visível e constante, é uma característica de pessoas com Hiperidrose e é sentido muitas vezes como uma limitação do corpo para o desenvolvimento de relações sociais saudáveis.



## **2.1. Minha Produção Excessiva de Suor como Ponto de Partida para a Investigação**

No dia 01/10/2010 me encontrava numa festa com colegas quando após consumir diversas bebidas alcoólicas me embriaguei e decidi aventurar-me de volta para casa caminhando sozinho, afinal o local onde nos encontrávamos era relativamente próximo a minha residência. Ciente das condições que enfrentaria me desvencilhei das minhas companhias e me aventurei sozinho no caminho da minha residência. Recordo que ao sair caminhei cerca de 10 minutos apenas e fui abordado por um grupo de jovens que inicialmente me assaltaram e me receberam com inúmeras pauladas na cabeça e os mais variados tipos de agressões físicas. Foram diversos socos, pontapés e pauladas. Após segundos de agressão já havia perdido a consciência, mas as agressões continuaram<sup>7</sup>. Não consigo mensurar o tempo das mesmas, o que consigo relatar é que minha consciência só fora recuperada quase 3 meses depois. Contaram a mim os mais próximos, que fui encontrado pelo Samu (ambulância de atendimento de urgência) na mesma rua onde tudo ocorreu. A agressão me rendeu um traumatismo craniano e quase três meses em estado de coma, além de várias sequelas pelo corpo e também neurológicas. Lembro que alguns dias após acordar do coma, fui apresentado a uma nova realidade de vida, marcada por diversas e dolorosas sessões de fisioterapia para abrir novamente meus dedos das mãos, que se fecharam como os de um feto na barriga de sua mãe antes do parto. Voltar a caminhar só seria possível após reabilitação do meu equilíbrio em sessões de fisioterapia. Foram dois longos anos de prática de exercícios diários a fim de abandonar o uso da cadeira de rodas.

Os primeiros sinais dessa minha nova condição foram percebidos nas sessões de fisioterapia, onde ao realizar o mais simples exercício de reabilitação, já me encontrava encharcado de suor. Esta minha nova condição também afetou as minhas relações interpessoais de modo que após caminhar poucos passos, já me encontrava

---

<sup>7</sup> Lembrar desse fatídico episódio ainda mexe com as minhas emoções e fico muito sensibilizado ao recordar as inúmeras oportunidades e nos vários anos que me foram "arrancados". Enfim, esse momento de descrição, sem dúvidas, será a pior hora do dia.

encharcado de suor. Sendo assim, evitei alguns contatos pessoais mais diretos do tipo que poderiam resultar em abraços ou beijos de cordialidade.

De início, meu suor era muito intenso ao ponto de deixar meu rosto, pescoço e braços pingando e isso me ocasionava muitos constrangimentos, pois até chovendo ou em baixas temperaturas, lá estava eu suando.

Essa minha nova característica me fez ressignificar meu olhar para o meu próprio corpo e me proporcionou uma “repulsa” pela pessoa que eu me tornara. Inicialmente, criei algumas mentiras ao cruzar com conhecidos, como por exemplo que eu estava voltando de uma longa caminhada, ou ainda, que eu estava suado daquele jeito, devido à temperatura estar muito quente, entre outras... Na verdade, eu só me sentia bem quando estava por trás dos muros da minha casa, local onde eu me sentia protegido dos olhares, os quais eu julgava serem de crítica ou reprovação entre aqueles que me observavam. A todo custo eu queria evitar essa quantidade exagerada desse meu fluido corporal, pois a meu ver isso me deixava com uma aparência de pessoa despreocupada com a higiene ou que precisava de um banho.

É interessante observar a capacidade de controle de fluídos corporais que Mânica (2011) disserta sobre a menstruação, como um fluído corporal passível de controle ou até mesmo de sua supressão por longos períodos. Mânica (2011) afirma que a partir da década de 1950, com o desenvolvimento das técnicas de contracepção hormonal, passou a ser possível intervir nos padrões dos ciclos férteis femininos e a depender da dosagem de hormônios que compõem determinado método contraceptivo, existe a possibilidade que ele possa produzir uma alteração nos padrões de sangramentos femininos.

No início da utilização desse método contraceptivo, a supressão da menstruação era tida como um efeito colateral “indesejado”, mas a partir da década de 1990 essa configuração passou a ser divulgada como um resultado adicional. Assim, as mulheres passaram, através da medicalização (uso de contraceptivos), controlar ciclo de fertilidade ao ponto de inclusive optarem em suprimir o evento da menstruação.

Esse controle de fluídos corporais não acontece com a Hiperidrose. No meu caso, de imediato acreditei que a nova condição de sudação constante que vivenciava fosse passageira, mas a sequência dos dias que se alternavam revelou que ela só se intensificava, chegando a molhar meu colchão, enquanto eu dormia. Confesso que

aquilo me intrigava, visto que eu sempre aparentava ser uma pessoa que acabou de fazer alguma atividade que exigiu muito esforço físico, ou que estava ansioso por alguma coisa qualquer. Devo acrescentar que eu estava sempre à procura de um local ventilado para fugir do calor, outro fator que constante, dentre aqueles indivíduos que vivenciam a Hiper.

Intrigado com a situação, fui procurar alguma explicação biomédica para esse meu excesso de suor. E a partir de uma conversa informal e virtual com um primo que é médico, narrei minha condição e ele sugeriu procurar um médico especialista em Dermatologia, pois cogitou a possibilidade de ser Hiperidrose. Essa conversa me deixou bastante curioso, ao mesmo tempo que me deu uma orientação por onde deveria iniciar minhas pesquisas.

A possibilidade de nomear e compreender a minha nova condição me encheu de esperanças, agora eu poderia buscar explicações ou, quem sabe, descobrir uma cura para o mal que me afligia. Com esse dado em mãos, iniciei minhas investigações pelos sites de busca como o Google, por exemplo. Os primeiros resultados foram bastante instrutivos, mas devo confessar que vieram acompanhados de uma grande frustração, descobri entre os meus achados que não havia uma cura para a Hiper, havia sim opções paliativas. Registrei uma cirurgia, como método definitivo, que acarretava na possibilidade da Hiperidrose compensatória como sequela, ou seja, em alguns casos o suor é apenas transferido de um local pontual para outra parte do corpo, ou mesmo para o corpo inteiro e isso possibilita uma piora na qualidade de vida daqueles que se submeteram a ela. Mas, vale ressaltar, segundo Santana (2012) que há casos de sucesso após a cirurgia, onde a sudação é eliminada por completo, ou a transposição do suor de um local para outro é vantajosa.

Quatro semanas se passaram e lá estava no consultório do Dermatologista. Eu me encontrava bastante ansioso para encontrar um fim para aquele excesso de suor. Bem, naquele momento o médico pôde narrar melhor minha nova condição. Ele explicou também que não havia uma cura, mas me encheu de certezas que iria me receitar um paliativo de ação infalível no controle da minha sudação. Para tal, apenas me solicitou um exame laboratorial para verificar as condições de saúde dos meus rins.

Passados alguns dias mais e com os exames em mãos retornei ao médico e, após constatação das minhas boas condições de saúde interna, ele me receitou o

único paliativo que conhecia para a condição. O médico me explicou que o remédio era para Incontinência urinária, mas os efeitos colaterais eram utilizados no controle da sudorese. Aquilo me instigou a pesquisar e querer descobrir o porquê dessa pobreza de saberes médicos acerca da Hiper. Confesso que essa consulta fora bastante frustrante, pois eu esperava uma solução definitiva para o meu problema. Então, decidi não comprar o medicamento.

Minhas condições financeiras não me permitiram procurar outro médico de mesma especialidade e as consultas através do SUS (Sistema Único de Saúde) demoravam demais para acontecer. Então me recusei a tomar o remédio prescrito pelo médico. Li em sua bula que o mesmo aumenta a pressão ocular e, em algumas pessoas, essa condição pode causar cegueira. Fiquei completamente contrariado ao constatar que o médico pouco sabia sobre a Hiperidrose e quais os efeitos do medicamento a longo prazo. Então decidi continuar minhas pesquisas na internet a fim de reunir mais informações sobre a minha condição.

## **2.2 Meu Ingresso no Grupo Virtual: Ressignificações e a Escolha da Metodologia**

Querendo saber mais sobre a Hiper, continuei minhas buscas e dessa vez fui direcionado às redes sociais. Foi no Facebook onde encontrei alguns grupos fechados, criados para debater o tema. Então no final do ano de 2016, solicitei minha participação no atual grupo virtual “Os Hiperidróticos”<sup>8</sup>, onde desenvolvi esta pesquisa que resultaria na minha dissertação de mestrado.

Inicialmente fiz amizade com um integrante de nome Felipe, uma pessoa muito participativa nos diálogos que ocorriam no interior do grupo e sempre tinha uma solução para muitas das questões que eram apresentadas pelos demais Hiperidróticos.

Durante o início da minha estada no grupo constatei uma similaridade de conflitos sociais, ocasionados pela sudorese, que também me atormentavam. Assim, pude compartilhar minhas emoções com pessoas que me compreendiam por

---

<sup>8</sup> Nome criado por mim a fim de preservar a identidade dos participantes.

vivenciarem situações análogas às minhas. Observar as ações de Felipe tornou-se fundamental para minhas primeiras descobertas sobre as corporeidades com Hiperidrose. Então, realizei com ele uma entrevista privada onde o mesmo sabia das minhas intenções de pesquisa futura, pois à época eu ainda estava definindo meu recorte de pesquisa dentro do universo da discussão sobre a Hiperidrose no grupo virtual.

Felipe têm trinta e dois anos e convive com a hiperidrose desde sua infância. Ele relata que suas primeiras lembranças são de quando tinha cerca de sete anos e a Hiper em seus pés e mãos muito lhe atrapalhava, seus chinelos escorregavam dos pés constantemente, molhados de suor, e quando estava sem eles marcava o chão onde pisava. A partir dos doze anos sua Hiper começou a prejudicá-lo de forma mais severa, pois, lhe incomodava cumprimentar as pessoas com suas mãos sempre molhadas. Alguns de seus colegas faziam piadas que lhe causavam um desconforto ainda maior.

Aos quinze anos, Felipe largou os estudos, mas retornou no ano seguinte. Ele narra que era impossível escrever sem molhar as folhas do seu caderno e às vezes chegava a rasgá-las mesmo quando escrevia de modo mais leve. Felipe relata que certa vez sofreu *bullying* de uma professora que fez uma piada onde lhe culpava pelo que estava acontecendo. Com dezesseis anos evitava contatos físicos de qualquer espécie e, assim, tornara-se cada vez mais introvertido. Atividades diárias, como por exemplo andar de ônibus, tornaram-se muito incômodas, pois o suor de suas mãos escorria pelos braços e algumas pessoas sentiam nojo de tocar em lugares anteriormente tocados por ele.

Felipe descreveu que sua sudação era tão intensa que molhava todo seu corpo, inclusive suas pernas chegando a molhar os lugares onde se sentava. Com aproximadamente dezoito anos, resolveu pesquisar junto com sua família alguma solução para a sua condição. Foi quando encontraram uma cirurgia que prometia cessar com a sudação. Após consulta com um médico especialista, este o informou que apenas algumas pessoas apresentavam efeitos colaterais pós cirurgia. Então, Felipe decidiu realizar o procedimento e narra que após a cirurgia sua vida piorou, suas mãos pararam de suar, mas em compensação seu corpo inteiro passou a transpirar cerca de três vezes mais que antes. Desde então ele passou a evitar blusas coloridas, usava apenas camisas pretas bem escuras e mesmo assim as marcas de

seu suor eram perceptíveis. Essa nova condição lhe causou mais desconforto e ele isolou-se ainda mais.

Inconformado com os resultados da cirurgia, Felipe decide voltar ao médico que realizou o procedimento e após lhe relatar o ocorrido o mesmo lhe diz de forma sarcástica que o melhor a fazer era mudar-se para um país frio. Felipe afirma que saiu da consulta com um misto de revolta, indignação e raiva do médico, pois o mesmo não teve sequer um pouco de empatia com ele.

Por fim, Felipe relata que ao longo de sua vida sempre teve consciência de suas limitações por conviver com a Hiperidrose. Hoje aos trinta e dois anos, já casado e com um filho, tenta viver sua vida da melhor forma que pode sendo um Hiperidrótico. Atualmente cursa o segundo período de psicologia, é motorista de aplicativo, além disso relata que *“...um dia espero ter uma vida “normal”*. No início de 2018 voltou a usar paliativos e afirma que agora um deles está *“dando resultado”*. Trata-se de uma solução manipulada e seu bom desempenho lhe permite fazer algumas coisas que não conseguia antes, como por exemplo, usar camisas coloridas, frequentar ambientes fechados. Ele pontua que as mudanças ainda são incipientes *“...é só o começo, pois meu psicológico ainda está muito comprometido e tenho certeza que será um processo lento.”*. O relato de Felipe e muitas outras vivências me fizeram compreender mais sobre minha nova condição, por isso optei em não realizar a cirurgia desde então.

Nesse momento pude perceber o quanto a troca de experiências *on-line* estava modificando minha vida fora do grupo. Eu estava pondo em prática os ensinamentos para controlar o excesso de suor e ressignificando meu olhar sobre este meu fluído corporal. Assim, minha nova postura frente a Hiper, reflete o debate realizado por Miller e Slater (2004, p. 44) quando afirmam que *“apesar da ausência de contato face a face, ela [a etnografia on-line] envolveu aquela triangulação de participação, observação, conversa, texto e, claro, relacionamentos.”*

A melhor solução que encontrei para o controle da minha sudorese foi o uso das toalhinhas de rosto. Inicialmente elas eram maiores, mas com o tempo e a necessidade diminuíram o seu tamanho. Confesso que não tenho vergonha de carregá-las sempre comigo e, algumas vezes, me apresento como pessoa que tem Hiperidrose e que por isso optei carregar uma toalhinha sempre. Esse objeto que pode ser percebido como uma estratégia utilizada para combater o estigma social,

questão muito bem formulada pelo sociólogo Canadense Erving Goffman (2017) na obra "Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada". Goffman (2017) não chegou a escrever nada sobre a Hiperidrose, entretanto a Hiperidrose pode perfeitamente ser encaixada na discussão teórica de Goffman, uma vez que os portadores da Hiperidrose visivelmente podem vir a vivenciar situações como as relatadas por ele (sentir angústias, sentir vergonha, sentir rejeição, sentir preconceito, etc). Os anseios de um portador de Hiperidrose não são diferentes dos tipos relatados em seu livro.

A Hiperidrose proporciona grandioso desconforto social àqueles que com ela convivem, visto que há demasiada preocupação com a aparência constantemente suada. Uma das preocupações das pessoas que experienciam a Hiperidrose é a do que os outros (familiares, amigos, vizinhos, colegas, conhecidos, desconhecidos) vão pensar acerca da sua aparência. As pessoas mais próximas até podem ter tomado conhecimento dessa disfunção, mas os estranhos não têm como saber e podem achar que a aparência constantemente suada é sinônimo de desleixo ou falta de higiene pessoal. É essa forma de pensar dos estranhos que aflige àqueles que vivenciam a Hiperidrose, pois tudo o que eles não querem e tudo o que eles mais temem é se passar por uma pessoa desleixada com a própria aparência. Qualquer estranho que desconheça essa disfunção poderá achar que a aparência constantemente suada é falta de higiene e essa situação é extremamente delicada para quem convive com a condição.

O Estigma é causado pela má impressão que os estranhos têm acerca da "aparência excessivamente suada" associando-a à falta de asseio e cuidado corporal. São essas características, de estranhamento dos estranhos, que encaixam os que experienciam a Hiper em um perfil de estigmatizado.

Aqueles que convivem com a Hiperidrose é notado socialmente porque as suas vestimentas evidenciam traços de um suor que molha, chegando, em muitas vezes a pingar. Esse aspecto visual gera grande incômodo no estigmatizado e o sentimento de rejeição perturba a sua autoestima a tal ponto que o deixa retraído, tímido, pouco sociável.

Dentre meus colegas e professores do mestrado minha postura não fora diferente. Acredito que por se tratar de uma turma formada por professores antropólogos e alunos aspirantes ao título, onde a busca pela relativização dos

eventos sociais é mais comumente perseguida, muito me ajudou no momento de revelar-lhes que convivo com Hiperidrose. Após esse momento me senti mais aceito e acolhido entre aqueles que compuseram minha turma de pós-graduação.

### **2.3 O Grupo Virtual “Os Hiperidróticos” e as Primeiras Reflexões Sobre a Condição de Estar Sempre Suado.**

O grupo virtual “Os Hiperidróticos” foi criado em meados de 2012 e de acordo com Allan<sup>9</sup>, idealizador e administrador, sua criação fora motivada para ser um canal onde seriam travados debates sobre soluções e tratamentos para a Hiper. Sua ideia era criar um “contragrupo” que se rebelaria contra o criador de outro único grupo virtual sobre o tema que havia na internet. O administrador desse outro grupo manipulava e vendia uma substância paliativa como sendo a única solução possível para o controle da sudorese causada pela Hiperidrose. Ele não permitia, no interior de seu grupo, debates que ressaltasse a existência de outras soluções paliativas.

De acordo com Allan, na época da criação de “seu grupo” a internet não era desenvolvida como hoje e só havia um grupo sobre Hiperidrose. Esse fato fez com que ele idealizasse outro grupo, onde seriam travados debates e compartilhamentos de experiências de sucesso ou insucesso no controle da Hiperidrose. Atualmente, o grupo possui mais de 9.500 integrantes registrados em agosto de 2020. Esse número aumenta mais a cada dia. É válido destacar que a terça parte de seus componentes não possuem fotos pessoais em seus perfis na rede social. Essa característica facilita a adoção de determinadas respostas inicialmente direcionadas ao interlocutor direto, mas que possuem um caráter “público” pela possibilidade de serem acessadas por outro integrante.

Minha inserção no grupo me deixou muito contente. Enfim achei que encontraria a solução para o meu problema com o suor, mas esse encantamento logo foi derrubado pelos variados depoimentos de Hiperidróticos que narravam suas desilusões com os paliativos comercializados. Mas, uma questão que era amplamente

---

<sup>9</sup> Em entrevista privada, para saber acerca da fundação do grupo, o mesmo me permitiu divulgar seu nome.

debatida era que a ação dos paliativos era “individual” e variava muito a depender de cada organismo.

Nesse momento, decidi arriscar em um paliativo chamado *Bluederm* de uso externo e bastante caro, mas em mim não surtiu nenhum efeito. Então decidi relatar minha experiência no grupo e para minha surpresa a maioria dos Hiperidróticos que fizeram uso da solução também narraram seu insucesso com o mesmo. Ainda ancorado nessa ideia de “sorte” compartilhada pelo grupo, isso implica dizer que você tem “sorte” quando encontra um paliativo que tenha eficácia no seu tipo de Hiper e quando isso ocorre em apenas algumas tentativas, pois a maior parte dos paliativos são importados e seu transporte encarece os valores finais dos produtos, decidi utilizar o medicamento em forma de comprimidos que o especialista em Dermatologia me receitou. Tratava-se de um medicamento que podia ser obtido na farmácia, sem a necessidade de uma prescrição médica. Então comprei, e, como o médico havia comprovado através de exames que minha saúde interna estava boa, resolvi tomá-lo.

Alguns Hiperidróticos narraram que o seu efeito antissuor só aparece após aproximadamente sete dias de uso consecutivo. Li em sua bula que o mesmo aumenta a pressão ocular e num exame habitual de vista o médico especialista em Oftalmologia cogitou, em mim, a possibilidade de glaucoma no futuro. Nessa hora não pensei duas vezes e suspendi o medicamento no mesmo dia. Só cheguei a consumir dois comprimidos. O medo de ficar cego era muito maior que a vergonha do meu corpo constantemente suado.

Cheguei a utilizar um outro paliativo comercializado apenas através de internet. Trata-se de uma solução líquida para ser aplicada nas áreas afetadas pela Hiper. Minha sudorese é generalizada e sua maior expressão é no rosto. Comprei o medicamento priorizando esse uso, criei minhas expectativas nesse medicamento, mas comigo novamente não funcionou. Depois descobri, através da leitura de debates, sobre meu “tipo de hiperidrose” que é muito resistente aos paliativos. Nesse sentido, é necessário acrescentarmos que existe um debate constante entre os Hiperidróticos sobre a individualização da ação dos paliativos. Muitos narram seus gastos com testes de paliativos. Então decidi que dali por diante só usaria toalhinhas para secar meu suor.

Quando fui selecionado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFAL com o objetivo de realizar essa pesquisa, entrei em contato com os debates que apresentam o universo virtual como objeto de pesquisa antropológica que ajudaram a situar meu campo de estudo. Também contribuíram para ressignificar as relações sociais desenvolvidas no grupo virtual. Destaco as descobertas da Dra. Sherry Turkle e apresento o artigo *As Novas Fronteiras Tecnológicas entre Intimidade e Solidão* de Juliana Prado (2013).<sup>10</sup> Prado (2013) destaca que o livro é resultado de suas pesquisas durante os últimos 15 anos, onde a autora aborda as fronteiras entre intimidade e solidão e vai de encontro às nossas vulnerabilidades, pois as relações virtuais são desprovidas de um comprometimento exigido nas relações face a face.

Segundo Prado (2013), em *Alone Together*, Sherry Turkle analisa as relações humanas mediadas pelas redes sociais digitais e promove uma re-interpretação dos vários elementos que as configuram na contemporaneidade. E ainda revela que seu principal elemento de análise nas relações existentes entre os homens e as mídias sociais digitais é um tipo de controle, já que a comunicação é feita de modo editado/racionalizado. Estas relações tendem a esconder o estado no qual a pessoa se encontra. Numa tela você tem a oportunidade de descrever a si mesmo como desejar. Conhecer teoricamente esse aspecto do *on-line*, permitiu-me perceber que determinados comentários foram encorajados pelo “anonimato” daquele ambiente virtual.

Um outro aspecto apontado por Prado (2013) como uma característica peculiar às gerações que cresceram conectadas às mídias sociais, é que Sherry Turkle refere-se ao estilo emocional dessas pessoas, onde as emoções não estão completamente experimentadas até serem comunicadas e suscitar algum tipo de *feedback* ou comentário. Nesse sentido, também me senti acolhido após meu ingresso no grupo virtual, era confortante saber que o seu problema seria debatido e orientado por outro integrante mais experiente. O melhor era a variedade de pontos de vista que eu teria antes de realizar qualquer decisão frente à Hiperidrose. Por fim, Prado (2013) revela os argumentos conclusivos da discussão de Sherry Turkle que destaca a maior permanência conectada da sociedade contemporânea. Isso vai de encontro às nossas

---

<sup>10</sup> Pós graduanda em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. Trata-se de uma resenha do livro *Alone Together: Why We Expect More From Technology and Less From Each Other* de Sherry Turkle.



Figura n. 3: Desabafo de Carlos



Figura n. 4: Solidariedade de Júlia

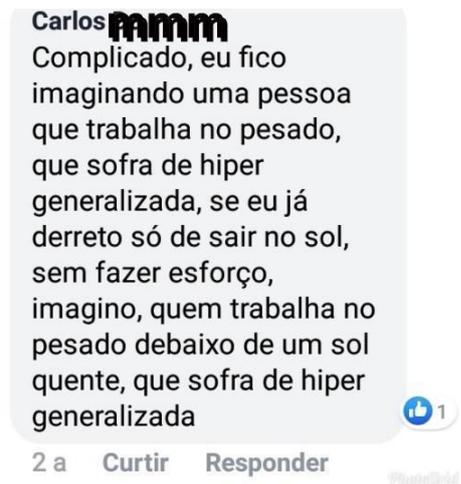


Figura n. 5: Acréscimo de Carlos

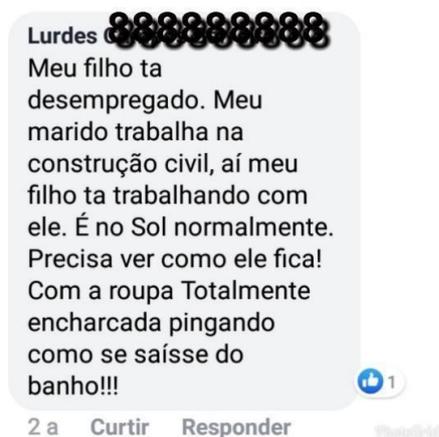


Figura n. 6: Os exemplos de Lurdes

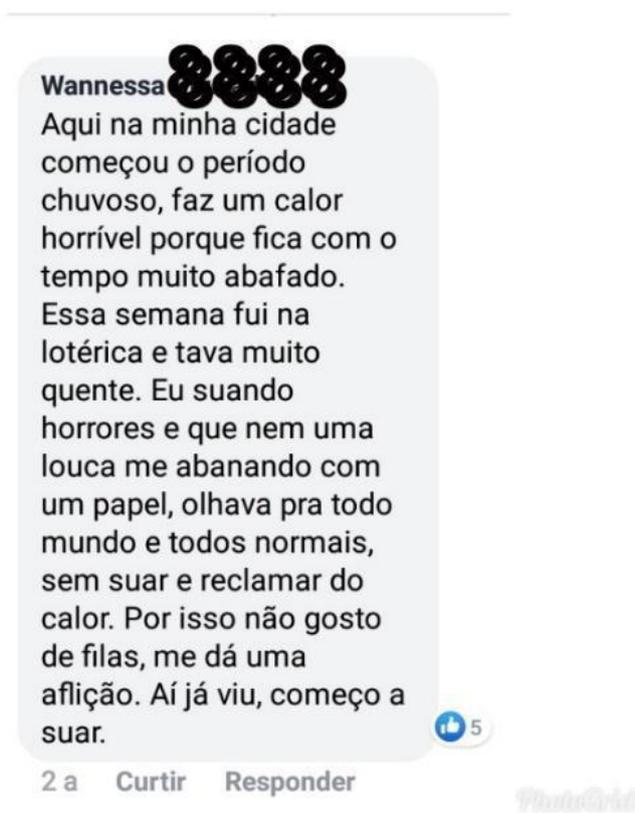


Figura n.: 7: As vivências de Wannessa



Figura n. 8: Outras vivências

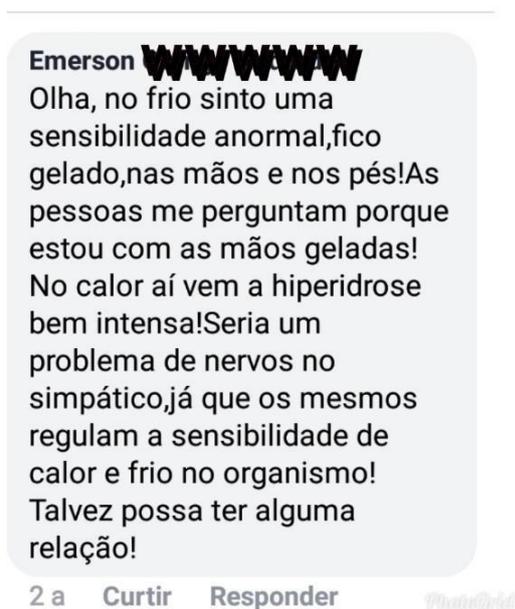


Figura n. 9: Desabafo de Emerson

Assim, pude conferir que entre nós, os Hiperidróticos, havia um modo atencioso e sempre prestativo ao se dirigir ao outro integrante do grupo. Posteriormente, pude constatar uma postura de solidariedade a partir da troca de experiências e esse tipo de postura é típica dos locais que reúnem pessoas conectadas em rede através da

internet (DOMINGUES, 2004). Durante essa etapa constatei também a existência de várias categorias culturais contidas naquele cenário. E nesse instante me fui apresentado àquilo que seria o meu universo de estudos: o universo virtual que unia pessoas relatando seus problemas com a Hiper, muito embora eu não sabia ainda como dialogar com o tema.

Após diversos diálogos virtuais com os outros integrantes sobre os corpos com Hiperidrose, decidi elaborar um projeto onde expus uma série de dúvidas teóricas e empíricas. Posteriormente, submeti esse projeto à seleção de Mestrado em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas (PPGAS-UFAL). Fracassei na minha primeira tentativa de ingresso, mas isso não me fez desistir. Nessa época, eu já havia me interessado em investigar o tema sob uma ótica antropológica, me interessava em dialogar sobre os males à vida social daqueles que sofrem com os efeitos da Hiper. Aquele universo ainda era novo para mim, eu me encontrava totalmente imerso na observação do compartilhamento das muitas experiências e em buscar as novidades do universo biomédico com a expectativa da total eliminação da Hiper.

Após uma conversa informal com a professora que se tornaria minha futura orientadora, fui direcionado às leituras da antropologia da saúde e da antropologia virtual, onde Amaral (2010) aponta que as pesquisas realizadas em redes sociais da Internet se inserem no campo da Ciberantropologia e dessa forma, caracteriza-se pelo estudo dos humanos nos ambientes conectados.

Ao embasar minhas leituras nas descobertas da antropologia da saúde, pude me ancorar nos escritos de Langdon e Wiik (2010), que obtiveram suas conclusões a partir da observação de indivíduos “doentes” em contextos urbanos caracterizados pela presença das mais diferentes classes sociais, religiões, regiões e até mesmo grupos étnicos. De acordo com os autores, estes indivíduos

[...] apresentam comportamentos e pensamentos singulares quanto à experiência da doença, assim como noções particulares sobre saúde e terapêutica. Tais particularidades não advêm das diferenças biológicas, mas sim das diferenças socioculturais. Em suma, parte-se do pressuposto que todos têm cultura e de que é a cultura que determina essas particularidades (LANGDON E WIİK, 2010, p.147).

Corrigidas as críticas ao primeiro projeto, obtive sucesso na seleção seguinte, mas ainda me encontrava preso às definições biomédicas do tema. Ainda queria descobrir um modelo biomédico para acabar com minha produção excessiva de suor. Ao longo da construção deste trabalho, fui defrontado com meus próprios valores referentes ao fato de estar sempre com o rosto molhado de suor. Isso me fez criar uma certa valoração dos locais afetados pela Hiper. Onde eu acreditava haver um tipo de Hiper que acarretasse um menor constrangimento social, acreditava haver uma pseudo-hierarquia entre os tipos de Hiper. A ponto de ser criticado em um congresso onde apresentei um trabalho sobre minhas primeiras descobertas pesquisando sobre conviver com Hiper.

O meu próprio estado de constante sudação proporcionava repulsa de mim mesmo. E eu acreditava que isso também era sentido por aqueles que me observavam, a ponto de sempre trazer comigo uma toalhinha de rosto em qualquer lugar que fosse.<sup>11</sup>

O processo de aceitação do “meu novo corpo” fora bastante demorado. Recebi diversas críticas da minha orientadora que me ajudaram a compreender que a questão da constante repulsa do meu próprio fluído corporal, era sentida principalmente por mim. Então, a partir dessa nova perspectiva, pude, enfim, perceber que as pessoas não me julgavam como sendo uma pessoa “nojenta”, como eu imaginava. Sou muito grato às orientações que me fizeram vivenciar um processo de ressignificação do olhar sobre o meu próprio corpo. A partir daí pude conciliar as atribuições de ter Hiperidrose e integrar o grupo virtual onde realizei esta pesquisa.

O antropólogo brasileiro Gilberto Velho (1997), discute essa questão do envolvimento que há entre pesquisador e objeto de estudo. Segundo esse autor, um envolvimento pessoal com o objeto de estudo é algo inevitável e isso não deve ser considerado um defeito, visto que “...há aspectos da cultura que não aparecem na superfície e exigem um maior e mais detalhado aprofundamento do esforço de observação e empatia” (VELHO, 1997. p. 122).

Posteriormente a esse fato, pude visitar algumas questões de cunho epistemológico e ajustei minha postura enquanto investigador social que pesquisa a sua própria condição, sendo também um dos Hiperidróticos. Fazer uma autoetnografia

---

<sup>11</sup> Prática que carrego até hoje, não com o fito de aparentar sempre estar “limpo”, apenas para secar meu rosto da produção constante de suor.

surgiu como oportunidade através do qual eu poderia, dentro do uso de dados autobiográficos, inverter o meu papel de pesquisador e me tornar peça fundamental na construção do meu próprio objeto de análise. Isso poderia acontecer através da minha reflexão subjetiva enquanto imerso no meio ambiente on-line, vivenciando a condição de ser hiperidrótico. Esse (re)direcionamento metodológico e de análise ampliou minha percepção de construção de pesquisa etnográfica, uma vez que passei a refletir e considerar minhas experiências enquanto objeto de descrição, estudo e análise.

Mas devo confessar que, essa empreitada tem um nível de complexidade maior, pois de acordo com Da Matta (1978), o processo de transformar o familiar em exótico carece de uma maior imersão nos conceitos científicos, uma vez que a ciência se opõe à opinião. Bachelard (1996) acrescenta que essas questões devem ser percebidas como obstáculos epistemológicos, pois “o conhecimento do real é luz que sempre projeta algumas sombras. Nunca é imediato e pleno. O real nunca é o que se poderia achar, mas é sempre aquilo que deveria ter pensado” (BACHELARD, 1996, p.17).

Sendo assim, os resultados alcançados na elaboração dessa pesquisa são construídos a partir da minha interação com os outros integrantes enquanto um Hiperidrótico, somada à observação das minhas próprias vivências com a Hiper e observando a forma como os participantes do grupo expressam suas percepções do próprio corpo a partir de suas experiências, etc.

No presente trabalho abordo também as dicotomias seco/suado, saudável/doente que são intencionalmente transmitidas através da linguagem fotográfica em imagens de corpos com Hiperidrose que compartilhamos no interior do grupo. Algumas dessas imagens, são fotografias de fragmentos do próprio corpo apontadas como áreas que estão constantemente molhadas de suor, outras fotografias são veiculadas na mídia e revelam imagens de paliativos utilizados por alguns de nós Hiperidróticos para controlar a própria sudação.

Nesse momento, se faz necessário destacar que outras dicotomias existentes que ajudaram a compor histórica e culturalmente as noções particulares que formulamos acerca do nosso próprio corpo. De acordo com antropóloga Sônia Weider Maluf (2001), os primeiros debates sobre o corpo eram visões essencialistas que

acabavam reproduzindo a concepção de correspondência entre dois dualismos, corpo/espírito e natureza/cultura,

Essa correspondência entre o corpo e a natureza e entre o espírito e a cultura permanece, em muitos desses estudos, como a base epistemológica comum no tratamento do corpo. Este é conhecido, no limite, como o substrato onde a cultura e os símbolos e valores culturais irão se inscrever; como receptáculo da produção simbólica ou das representações sociais geradas na e pela “cultura” (cuja especificidade e autonomia em relação à “natureza” seria garantida por sua radical exterioridade em relação a essa) (MALUF, 2001, p. 87).

A fim de complementar sua argumentação, Maluf (2011) aponta que, as abordagens antropológicas que versam sobre o corpo buscam desnaturalizar aquilo que é tido como um dado da natureza e assim, encaminham-se para uma classificação onde esse mesmo dado é tido como uma construção social ou cultural. Essa autora relata ainda que, a inauguração de um verdadeiro programa para a reflexão em torno do corpo veio do artigo de Marcel Mauss, “As técnicas Corporais”, (1974), onde o autor fez comparações de técnicas corporais entre diferentes culturas, como por exemplo os modos de caminhar, de parir, de sentar, de comer, etc. A partir daí ele mostra como essas técnicas variam de uma cultura para a outra. E Maluf (2011) continua afirmando a existência de uma vasta gama de debates sobre o interior do corpo onde os fluídos corporais podem se articular à diferentes concepções do puro e de impuro, interdições e obrigações que demarcam diferentes concepções do corpo na cultura.

Irving (2010) associa substâncias “dangerous”, como sangue, álcool e lágrimas, que estão associadas ao contexto etnográfico de acometimento de doença epidemiológica que investiga, para mostrar como elas se tornam interrelacionadas com “emoções tais como esperança, medo e desobediência” (p.26). Esse artigo de Irving (2010) é citado aqui para ilustrar como estudos que abordam substâncias corporais podem focalizar emoções que os indivíduos experienciam dentro de suas experiências subjetivas e corporalizadas, como ocorre no contexto analisado neste estudo sobre pessoas com hiperidrose.

### 3 Aspectos Mais Evidentes Dessas Corporeidades

Neste capítulo, abordo aspectos mais evidenciados dessas corporeidades percebidas através de suas constantes aparições nos diálogos realizados entre os Hiperidróticos dentro da rede social investigada.

A fotografia abaixo, postada na rede social pesquisada, é uma representação visual do suor, pingando pelo rosto de uma mulher hiperidrótica:

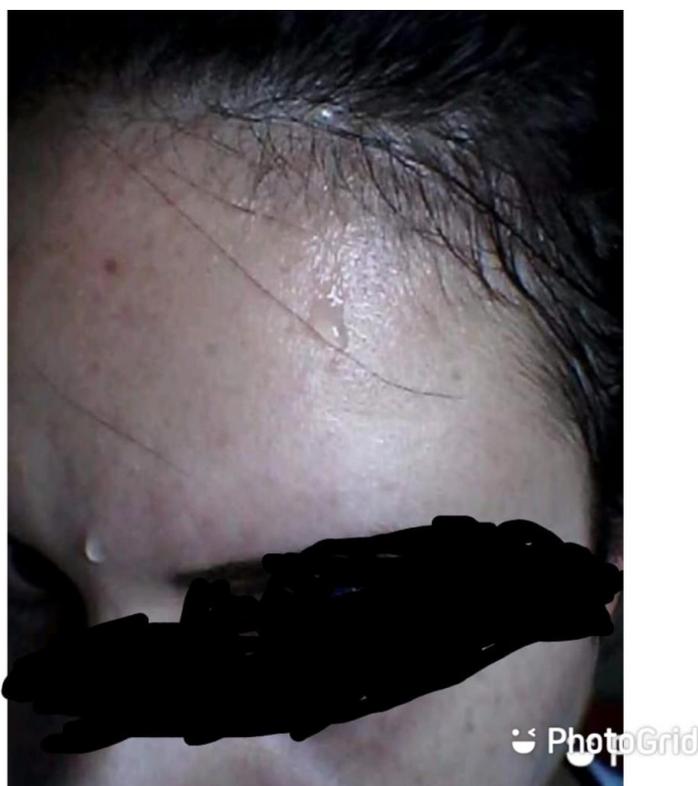


Figura n. 10: Suor facial em um mulher

Nessa etapa do trabalho apresento um conceito de suor, que aponta para o significado dessa mesma secreção para pessoas que convivem com a Hiperidrose,

O suor é um humor aquoso, incolor, de odor particular, segregado pelas glândulas sudoríparas e eliminado através dos poros cutâneos, mas a ação de suar, saída ou emissão de suor, conhecida como transpiração, também se caracteriza por uma construção sociocultural. (SILVA; FERREIRA, 2016, p.770).

### **3.1 A Antropologia Percebendo os Estados de Saúde e de Doença**

Sabemos que já existe praticamente um consenso entre os pesquisadores em Ciências Sociais de que os processos que envolvem o binômio saúde/doença são vias de acesso aos processos socioculturais relacionados ao bem-estar concebidos entre os indivíduos dentro de uma determinada comunidade. De acordo com Langdon e Wiik, (2010), a Antropologia da Saúde deve ser vista como uma disciplina enriquecedora e complementar dos debates que abrangem seu campo de investigação, pois a Antropologia tem se dedicado ao estudo de diferentes modelos sociais e culturais e isso possibilita uma melhor análise das interações ou das contradições entre os modelos adotados em cada organização.

De acordo com Langdon (1995), desde 1924 que a Antropologia tem demonstrado interesse na compreensão na relação que a cultura e saúde através da contribuição dos estudos de W. H. R. Rivers que estabeleceu a medicina como uma categoria para pesquisa, nas culturas não europeias. Em 1932 Clements realizou um estudo comparativo sobre o conceito de doença na medicina primitiva através das crenças etiológicas, posteriormente Erwin Acherknechet, considerado o pai da antropologia médica nos EUA, afirma a existência de uma diversidade cultural, ao fundamentar a ideia de uma antropologia indígena, distinta qualitativamente do conhecimento biomédico e com isso ele revela não apenas a existência de uma antropologia primitiva, mas sim uma pluralidade delas.

Langdon (1995), afirma que esses primeiros pesquisadores da antropologia da saúde não nutriam desejos em pesquisar aspectos ligados aos interesses da biomedicina e sim, objetivavam estabelecer um objeto de pesquisa próprio à Antropologia, a saber os, estudos da etnomedicina. Segundo essa autora,esses cientistas foram fundamentais para se compreender os estudos da etnomedicina como objetos da Antropologia, ou seja, eles apontaram que para uma maior compreensão das práticas medicinais de uma cultura, seria necessária a avaliação do contexto de seu surgimento.

Segundo Laplantine (2004), todas as sociedades percebem a doença como um problema a ser resolvido e por isso mesmo, carece de uma solução. E para tal, confere

a alguns membros o poder terapêutico para saná-las. A doença é encarada como algo maléfico a ser curado. Laplantine (2004) identifica uma série de possíveis fatores que podem tê-la causado. O agente maléfico causador pode ser o clima, os micróbios, um feitiço, a vida moderna, a família pobre, o meio social, a deficiência, etc. Este autor aponta para duas variantes do processo de cura, a alopatia ou a psicanálise, ambos modelos centrados no doente que atribuem ao sujeito a construção de sua doença, o que conta com a alopatia que busca eliminar os sintomas da doença, buscando o seu oposto.

Muito embora a antropologia da saúde tenha se desenvolvido e conquistado um espaço relevante, é relativamente recente e no Brasil o número de pesquisadores que versam sobre crenças e rituais terapêuticos, também é emergente. Apesar de consolidada em instituições e presente em congressos “[...] ela continua fragmentada pela diversidade de tradições regionais que a reivindica para si” (SAILLANT & GERNEST, 2012: 19).

Ferreira (1994: 101), define a antropologia médica como: “...um campo de estudo que se preocupa como as pessoas, em diferentes culturas e grupos sociais, explicam as causas relacionadas a saúde e doença, as crenças sobre tipos de tratamentos e a quem recorrer quando doente”.

Aqui se faz necessário compreender que a cultura é vista como um sistema de símbolos apresentados numa teia de significações e interpretações (GEERTZ, 1989), que está fornecendo um modelo de realidade, que é bastante relevante e dá suporte para aquilo que Langdon (1995) fala quando se refere à interação social. Langdon (1995) diz que as interações sociais são baseadas em uma realidade simbólica que é constituída de símbolos e por sua vez, constitui os significados, instituições e situações legitimadas pela sociedade. De modo que a cultura é expressa numa interação social, onde os atores negociam e comunicam seus significados.

Cuche (2012) também enfatiza que as condições humanas ligadas às necessidades fisiológicas também são influenciadas pela cultura, ou seja, o homem é capaz de modelar-se a si próprio. De acordo com Durhan, “[...] os princípios estruturantes detectados nos sistemas de relações são recorrentes em sociedades diversas, distantes geograficamente e de tradição histórica diferente” (2004, p.22).

Langdon e Wiik (2010) mostram como a Antropologia tem se dedicado ao estudo de diferentes modelos sociais e culturais e isso possibilita uma melhor análise das interações e das contradições entre os modelos adotados em cada organização.

Por sua vez, o discurso antropológico nos revela os limites e a insuficiência da biotecnologia quando se trata de alterar definitivamente o estado de saúde de um grupo, pois o estado, dos sujeitos é associado ao seu modo de vida e ao seu universo social e cultural (FERREIRA, 1994).

Nessa pesquisa, as características da Hiperidrose nomeadas a partir de parâmetros biomédicos, poderão ser revisitadas para um melhor entendimento da situação analítica do objeto dentro da perspectiva da Biomedicina.

A maneira particular de lidar com o próprio corpo a partir da sudação é tida como o objeto que norteia essa pesquisa e essa prática nos coloca em debate direto com a metodologia investigativa conduzida pelas descobertas da Antropologia da Saúde. Onde algumas discussões foram amplamente pormenorizadas pelos debates da coletânea de artigos organizados pela antropóloga brasileira Maria Cecília de Souza Mynaio, (1994), e pelas contribuições dos escritos do etnólogo francês François Laplantine, (2004). Já as noções de corpo, corporeidade e a construção dos estados de adoecimento que podem revelar algumas restrições, tabus ou ressignificações do corpo, serão analisados à luz de autores como, Langdon (1995) e Rodrigues (2006).

### **3.2 Encenando corporeidades**

Nessa seção do trabalho serão apresentados dados etnográficos retirados a partir das descrições de participantes de um grupo virtual localizado na rede Social virtual *Facebook*. Os dados percebidos consistem casos exemplares de narrativas que revelam formas que interlocutores expressam suas experiências a partir do corpo com a hiperidrose. Em outras palavras, essas narrativas são reveladoras de corporeidades vivenciadas, construídas e que contém a condição de serem portadoras da hiperidrose como pano de fundo dessas experiências narradas.

Em um diálogo no grupo virtual, exposto nos prints abaixo, Antônio se expõe como um Hiperidrótico de 26 anos, morador de Minas Gerais, e possui fotografias suas em seu perfil da rede social que indicam que ele mantém relações com outras pessoas em seu cotidiano. O diálogo se inicia com um *post* dele fazendo um breve

relato de sua história de vida, onde o mesmo se refere a suas experiências com a Hiperidrose e todas as castrações motivadas pela condição e o quanto elas influenciaram em seu padrão de vida atual. Seu relato é seguido pelo de outra Hiperidrótica, Deny, que também tem a sequência dos seus estudos interrompida pela Hiperidrose. E o debate continua com o depoimento da Hiperidrótica Paula que narra suas vivências pautadas pela vergonha de estar sempre suada, a seguir partimos para a narrativa da Hiperidrótica Vanessa que descreve sua experiência escolar acompanhada da “toalhinha”, o objeto que sempre acompanha algumas pessoas que convivem com a Hiperidrose e que é utilizada para secar o excesso de suor. De agora em diante o debate ganha uma nova característica e passa a se enquadrar na rede de apoio, formada pelos outros Hiperidroticos que comungam da mesma experiência.

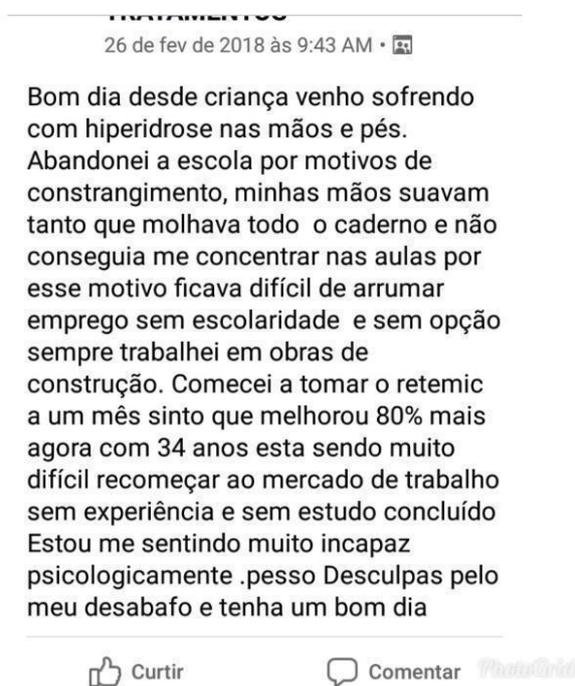


Figura n. 11: A Vida de Antônio

**Deny** 🤔🤔🤔  
Cara, eu passo pela mesma coisa. Pensei em desistir na 7 série por causa disto,mas eu fui em frente e não liguei para nada, fico muito triste, acabei ano passado o 3 ano e agora conseguir entrar numa faculdade pública, espero conseguir acabar, não deixa nada te abalar cara é difícil só nós

Figura n. 12: Comparações de Deny

**Paula** 🤔🤔🤔🤔  
Antônio tenho 40anos e não tenho minha carteira assinada, trabalhei por 3anos num café,mas todos os dias eu lutava com a vergonha que Sintia no trabalho e no ônibus,me sinto inútil! parece que estou sempre fedendo,e tem pessoas más, que tiram sarro e brincam com isso,mas eu ainda sinto uma sede muito grande 🙌🙄 4

2 a Curtir Responder

Figura n. 13: Vivências de Paula

**Andressa** 🤔🤔🤔🤔  
Gente eu tb transpiro as mãos, axilas e os pés e olhem só como eu fazia para estudar e não molhar ou rasgar meus cadernos 🙌🙌 USANDO TOALHINHAS. Colocava sempre em cima do caderno e dps escrevia 😊  
Até hj as uso no meu dia a dia, não saio de casa sem elas... tenho mais de 20 toalhas dessas kkk

Figura n.14: Vivência de Andressa

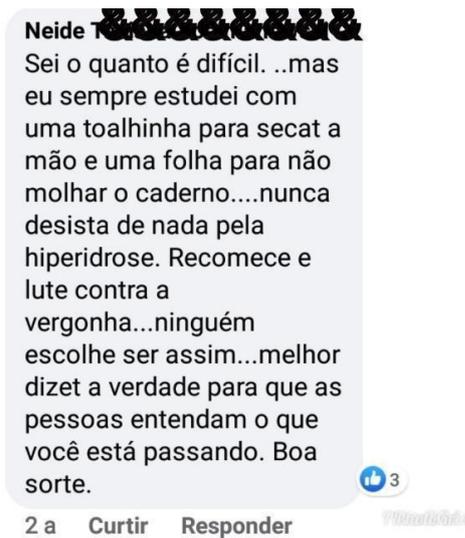


Figura n. 15: Exemplos de Neide

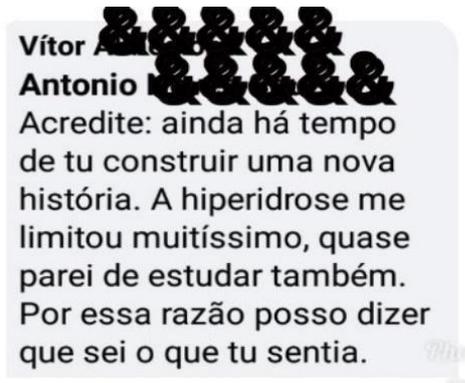


Figura n. 16: Apoio de Vitor

Os *prints* dos diálogos iniciais que chamaram a minha atenção foram escolhidos a partir da constante repetição de seus conteúdos e isso revelou para mim as primeiras características da corporeidade com Hiperidrose que os indivíduos vivenciam. Os diálogos caminham para a forma como experienciavam a Hiperidrose, construindo histórias de vida e limitando acessos por ser uma condição corporalizada vista como algo que pode limitar nosso futuro, interferindo na construção da educação e seus reflexos no futuro daqueles acometidos por esse tipo de sudação. Nesse momento, estou me referindo à Hiperidrose Palmar, por exemplo que ao deixar as mãos constantemente suadas rasga as folhas dos cadernos e os inutiliza para usos escolares. Essa característica das corporeidades com Hiperidrose é decisiva na

construção dos planos que o sujeito elabora para seu futuro e está intimamente ligada ao presente do Hiperidrótico.

Através do debate escolhido podemos perceber que entre os Hiperidróticos há uma rede de acolhimento, pautada nos exemplos de vida que são compartilhados, no interior do grupo, a fim de se evitar novas repetições, como exemplifico abaixo com os prints destacados:

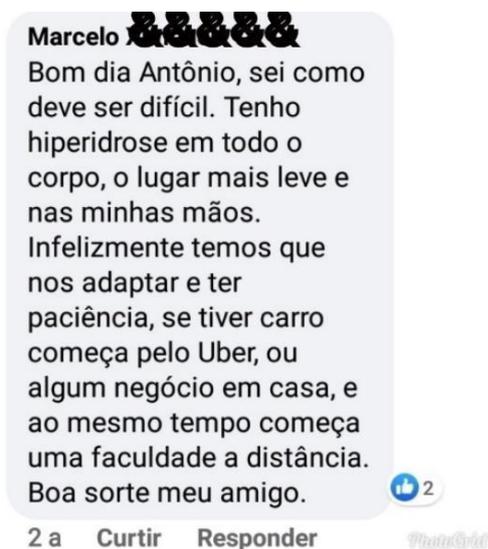


Figura n. 17: Solidariedade de Marcelo

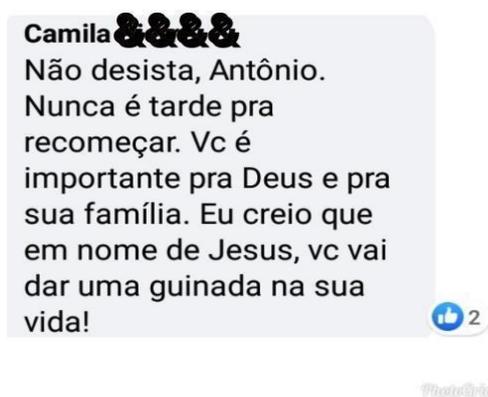


Figura n. 18: Solidariedade de Camila

Essa rede de apoio possibilita também que histórias de superação surjam, como no caso de Vitor, um Hiperidrótico de 25 anos, morador do Distrito Federal, e

que não possui fotografias pessoais em seu perfil<sup>12</sup>. Ele narra como a Hiper o ajudou a descobrir sua verdadeira orientação sexual, embora a ausência de uma fotografia no perfil facilita sua ação no interior do grupo. Vitor conta que há algum tempo vinha se relacionando com uma garota, mas não se sentia atraído pela mesma, pois porque nutria interesse em outra garota. Até que um dia após severa discussão optaram em encerrar o relacionamento.

E Vitor conta que as piores consequências o aguardavam, pois a garota espalhou para todo o colégio sobre sua condição de Hiper palmar, e o mesmo ficou conhecido como o garoto "pingapinga", então a partir disso *bulluyngs* tornaram - se inevitáveis. Mas esse desfecho sofreu uma reviravolta, uma vez que possibilitou a Vítor outra experiência afetiva positiva, exposta no relato abaixo:

quase entrei em depressão,  
senão entrei. Depois desse  
acontecimento não pegava  
mais ninguém. O bom disso  
tudo é que me permitiu  
conhecer um rapaz que me  
entendeu e eu percebi que era  
isso que eu queria. Namoramos  
por um período e foi  
fundamental para me dar  
confiança e entender quem eu

Escreva um comentário... |  |  |  | 

---

<sup>12</sup> É válido destacar que esse *post* gerou muitos comentários, pessoas o apoiando e outros tantos o xingaram com piadas de teor homofóbico que redundaram num posterior apagamento da mensagem.

De acordo com Langdon (1995), as interações sociais são baseadas em uma realidade simbólica que é constituída de e por sua vez constitui os significados, instituições e situações legitimadas pela sociedade. De modo que a cultura é expressa numa interação social, onde os atores negociam e comunicam seus significados. Na presente pesquisa, destaco que o corpo é pensado e repensado, passível de leituras distintas de acordo com o seu contexto social. Ele é sempre uma representação da sociedade, não há processos exclusivamente biológicos no comportamento humano. E a aversão aos produtos derivados do corpo, são sempre significadas de acordo com o contexto que as gerou (RODRIGUES, 2006).

### **3.3 O Suor e Situações Vexatórias: corporeidades que compreendem o próprio suor como um tipo de perigo**

Quando decidimos pensar o corpo como algo produzido pela cultura essa atividade torna-se um desafio porque rompe com a dualidade biológico/cultural sobre a qual o corpo, muitas vezes, é concebido. O corpo é histórico e em sua materialidade são impressas diferentes marcas em cada época histórica (RODRIGUES, 2006).

Preocupações com o corpo sempre povoaram a mente humana, assim como nos aponta a antropóloga brasileira Sônia Weider Maluf (2001). De acordo com essa autora, uma das primeiras contribuições para uma reflexão mais articulada em torno do corpo, fora elaborada a partir da contribuição de Marcel Mauss (1974) *As Técnicas do Corpo*, onde as técnicas corporais são vistas como “... as maneiras pelas quais os homens se servem de seus corpos [e] fazem parte das representações coletivas, variando socialmente e individualmente.” (p.89, Mauss apud Maluf)

De acordo com Le Breton (2009), há no cenário contemporâneo uma busca pelo corpo perfeito e o envelhecimento, as doenças e a morte são encarados como os principais motivos que levam o homem a buscar essa “perfeição”. E o homem se dissocia do corpo e se submete as mais diversas incisões e remodelagens feitas dentro dos domínios da biotecnologia com o propósito de “...abolir o corpo, eliminá-lo

pura e simplesmente, substituindo-o por uma máquina da mais alta perfeição” (LE BRETON 2009, p. 17).

E entre nós Hiperidróticos a questão da precariedade da carne não é diferente, visto que criamos desculpas, as mais variadas, para encobrir as marcas deixadas pela sudação que, ao nosso ver, nos tornam pessoas displicentes, pouco preocupadas com os cuidados de higiene e por isso viramos alvos fáceis de olhares que aparentam ser de menosprezo, crítica e/ou de piadas.

Para Marcel Mauss (1974), cada sociedade possui atitudes diante do corpo que lhe são particulares. Os homens formulam técnicas para definir seu comportamento e a utilização de seus corpos. Logo, as relações que eles mantêm entre si, estão diretamente ligadas a essas técnicas. O corpo é concebido como o primeiro instrumento do homem e, concomitantemente, é o objeto onde as técnicas são reproduzidas. Ou seja, o corpo é apresentado à técnica e posteriormente a reproduz.

De acordo com Le Breton (2013), as transformações ocorridas na era moderna, em meados do século XIX, foram fundamentais para alterar, profundamente, as relações do homem com o mundo. A ciência moderna erigiu-se como a nova mediadora da verdade entre o homem e o meio. E essa etapa histórica, também atuou na alteração da subjetividade humana.

Os homens também passaram a interagir, entre si, em ambientes *online* e isso possibilitou o surgimento de um novo padrão de sociabilidade. Novas práticas sociais são alicerçadas com uma maior mobilidade nas trocas dos saberes e as identidades são reformuladas através da diluição da corporeidade. Nas práticas contemporâneas, o corpo é pensado como algo dissociado do homem, um objeto em si, sem sujeito, um rascunho, a ser corrigido pelos “novos deuses” da biotecnologia. Na contemporaneidade, a composição precária da carne é enaltecida, e o corpo passa a ser visto como a parte ruim do homem, onde se aplica o risco de uma sorte de doenças, da morte e do simbólico (LE BRETON, 2013).

Quando decidimos pensar o corpo como algo produzido pela cultura essa atividade torna-se um desafio porque rompe com a dualidade biológico/cultural sobre a qual o corpo, muitas vezes, é concebido. O corpo é histórico e em sua materialidade são impressas diferentes marcas em cada época histórica (RODRIGUES, 2006).

De acordo com Douglas (1966), tal como conhecemos, a impureza é a desordem e ao eliminá-la estamos fazendo um esforço positivo para organizar o nosso meio. E o nosso comportamento face à poluição consiste em ordenar qualquer objeto ou qualquer ideia suscetível de lançar confusão ou de contradizer as nossas preciosas classificações (DOUGLAS, 1966, p. 51).

E a Hiperidrose que é uma maneira “anormal” de se suar, assim sendo, se enquadra no debate de Douglas (1966) sobre a anormalidade e, de acordo com essa autora, “os fenômenos de anômalos podem qualificar-se como perigosos... [e] ...qualificar é furtá-lo à discussão. E atingir ao mesmo tempo um grau mais elevado de conformismo” (DOUGLAS, 1966, p. 55).

Como já ficou evidenciado no início deste capítulo, o suor é um humor natural do nosso corpo, mas a transpiração é uma construção social e por isso mesmo revela particularidades nas formas como é encarado.

Marta é uma Hiperidrótica de 26 anos, mora no Pará, possui perfil repleto de fotos pessoais em diversos de sua vida, isso pode comprovar que trata-se de perfil “verdadeiro”. O debate escolhido tem início com o *post* dessa Hiperidrótica perguntando se havia outra pessoa no grupo, que já havia deixado de ir a alguma festa ou algum lugar muito desejado por medo da sudação. E a Vânia confirma a pergunta e acrescenta exemplos de suas experiências. Por fim, agradece a Deus por sua condição não ser nenhum tipo de deficiência física limitante e revela-se feliz com a comparação. Pedro revela que a condição o afasta das outras pessoas. Em seguida, é a vez de Fernando narrar que é fotógrafo e transpira até em ambientes refrigerados e isso lhe causa muita vergonha, principalmente quando é alvo de comentários das pessoas ao seu redor. E a Vânia revela que também já deixou de ir a vários lugares devido à condição, já Ana Maria revela que prefere pagar mais caro indo de carro (Uber) para a faculdade a fim de não se encharcar de suor no ônibus.

13 de out de 2019 às 12:15 PM • 📷

Ja teve alguma festa ou algum lugar que vc queria muito ir, mas não foi com medo de passar vergonha por causa do suor? Eu to vivendo muito isso. É triste demais.



Curtir

Comentar

PhotoGrid

Figura n. 20: Indagação de Marta

Vânia 🍌🍌🍌  
Oxiii já perdi as contas ,  
quantas vezes me arrumei  
fiquei toda produzida e na  
hora de sair casa toda  
pingando suor e o cabelo  
que estava escovado todo  
molhado e feio ,dá até  
desânimo de sair pq o  
cabelo fica parecendo que  
tomei um choque kkkkk , o  
melhor está em rir do que  
chorar ,ainda sim agradeço  
a Deus por ter  
saúde ,nenhuma  
deficiência física ,com  
algumas limitações mas  
ainda sim sou feliz .



26 sem Curtir Responder

PhotoGrid

Figura n. 21: Opinião de Vânia

Pedro 🍌🍌🍌  
Cara, eu deixo de me  
aproximar das pessoas  
com vergonha desse  
suor. Aff



25 sem Curtir Responder

PhotoGrid

Figura n. 22: Vivências de Pedro

**Fernando** 🙈🙈🙈  
Muitas vezes. Fotografo casamento, mesmo em lugares com ar condicionado eu sudo, não tem uma vez que não passo vergonha, isso quando não comentam. 🍷 1

26 sem Curtir Responder

Figura n. 23: Experiências de Fernando

**Rosana** 🙈🙈🙈  
Já desisti de ir em muitos lugares por ter molhado a roupa antes de chegar 😭😭, muito triste 😞 2

25 sem Curtir Responder

Figura n. 24: Vivências de Rosana

**Ana Maria**  
Pra eu ir pra faculdade tenho que subir uma rua pra pegar o ônibus, mas quando tá calor, só de eu sair de casa já começo a suar muito, no ônibus então... Daí tem dia que eu prefiro pagar a mais e pedir um uber, pra não chegar ensopada na faculdade 🍷 1

23 sem Curtir Responder

Figura n.25: Vivências de Ana Maria

São muitos os constrangimentos sofridos por aqueles que convivem com a Hiper, vários relatos se referem, às vezes, que a Hiperidrose impediu a realização

de planos, sejam os feitos a longo prazo, sejam aqueles mais corriqueiros do dia a dia. A exemplo dos constrangimentos vivenciados na utilização diária de transporte coletivo destacado. Essa é uma característica bem acentuada das corporeidades com Hiperidrose, por isso reuni nesse trabalho e são também exemplos da minha convivência com ela. Isso fortalece o vínculo e a empatia que desenvolvo dentro do ambiente virtual. Vale destacar a maneira acolhedora e simpática utilizada na comunicação entre todos que integramos o grupo virtual. Essa forma cordial proporciona um maior acolhimento, visto que ou a pessoa participante do grupo se encontra entre outras que convivem com situações de sudação muito próximas ou semelhantes às que são vivenciadas por si mesma.

Um outro exemplo de debates sobre as representações sociais provocadas pelo ato de suar, se encontra no artigo intitulado "Suando a camisa" em academias de ginástica do Rio de Janeiro: um estudo etnográfico, onde suar agrega pessoas. No artigo, os autores Silva e Ferreira (2016) realizaram entre julho de 2012 a Julho de 2013 um estudo comparativo a fim de perceberem como o suor era concebido pelos alunos de duas academias de ginástica de pequeno e médio porte.

A partir do estudo foi possível perceber o comportamento dos dois grupos sociais distintos frente ao suor. Os autores puderam concluir com o estudo que na academia de pequeno porte havia certa positividade atribuída ao suor devido à socialização gerada pelo suor e às noções de sucesso na performance durante as práticas corporais e o cotidiano laboral. Já na academia de grande porte o mesmo tendia a ser visto com repulsa, limitando os encontros face a face e os esforços físicos.

### **3.4 A Sudação Interferindo na Performance Social do Gênero**

No livro Problemas de Gênero: feminismo e subversão de identidade, a filósofa estadunidense Judith Butler (2003) questiona a distinção sexo/gênero e assim problematiza o caráter construído do gênero. A autora questiona a razão do sujeito do feminismo ser as mulheres e aponta para a heterossexualidade compulsória. Butler revela o caráter construído de todas as identidades e abre caminho para a elaboração de uma identidade variável.

O debate de Butler (2003) amplia a convicção da impossibilidade de se separar corpo e mente. De acordo com ela, o corpo não é natural ele é construído dentro de

representações sobre o feminino e o masculino. Segundo Butler (2003), tudo aquilo que foge à norma se torna objeto marginalizado com dificuldade para inserção no meio social. Butler (2003) crítica a construção da identidade como algo que tenha começo, meio e fim, como se tivesse um caráter determinista. Sua compreensão entende que este processo é revelado pela forma como o sujeito se expressa no mundo.

No artigo intitulado Gênero na Prática Docente em Educação Física: meninos são habilidosos e meninas não gostam de suar. As autoras Altmann, Ayoub e Franco (2011), analisam o gênero na prática de educação física. Os resultados são obtidos a partir da aplicação de questionários abertos aos professores de educação física da região metropolitana de Campinas em São Paulo, durante o ano de 2009. Os resultados revelam que não há questões consensuais em relação ao gênero nas práticas docentes da educação física.

De acordo com Altmann, Ayoub e Franco (2011), os docentes revelaram durante a pesquisa que as diferenças nas práticas corporais entre meninos e meninas são a principal fonte de conflitos e elas são o aspecto mais considerado durante o planejamento das aulas. Por isso, os docentes sugerem aulas mistas, pois ao enaltecer a diversidade evita-se atitudes de intolerância, homofobia ou preconceito não apenas entre meninas e meninos, mas entre os sujeitos de uma forma geral.

Do mesmo modo que a Hiperidrose pode impedir performances estereotipadas como pertencente ao universo feminino, muitas Hiperidróticas lamentam por não poderem usar maquiagens devido à sua Hiperidrose Facial, ou de serem impedidas de usar sandálias de dedo, pois a Hiperidrose plantar (pés) as faz escorregar e as obriga a usar sempre sapatos fechados como tênis. Uma outra questão muito denunciada é o cabelo sempre molhado de suor, que por sua vez impossibilita o uso de manipulações no cabelo para deixá-lo liso, por exemplo da chapinha.

Mas querer andar de mãos dadas ou tocar o outro e não perceber nele, uma cara de nojo ou incômodo é a questão mais amplamente debatida entre os Hiperidróticos que possuem a Hiper palmar. Pude observar na experiência de campo que esse aspecto é ressaltado independente do gênero. O que nós, hiperidróticos, mais desejamos é sermos percebidos como pessoas que possuem a condição do suor excessivo, que é algo que acontece de forma involuntária e não tem relação com a ausência de cuidados com a higiene corporal.

Os *prints* que são apresentados a seguir abordam aspectos observados na construção de experiência de integrantes do gênero feminino como por exemplo, o “impedimento” da utilização de maquiagens por mulheres que possuem a Hiperidrose Craniofacial.

A conversa que descrevo entre integrantes desse grupo se inicia com a pergunta da Sandra que mora em Recife. Ela tem 28 anos, possui fotografias pessoais em seu perfil e através de seu *post* questiona as outras integrantes sobre qual tipo de maquiagem elas utilizam. A primeira resposta vem de Karen que relata não usar maquiagem. O debate sobre a não utilização de maquiagem já era quase uma unanimidade nesse diálogo que envolveu Karen, Isabela e Rozi. Até que a outra integrante, Camila, participa e afirma usar maquiagem, embora com bastante “fixador”<sup>13</sup>. Em seguida Silvana comenta que tem Hiper Craniofacial e por isso, usa o cabelo raspado, pois o mesmo vive encharcado de suor devido a sua Hiper.

A continuidade na discussão é feita por Paula, que afirma utilizar maquiagens à prova de água. Ela adverte que sua ação não é tão duradoura “... quanto nas outras pessoas”, se referindo àquelas que não convivem com a Hiperidrose. A discussão é acrescida com a narrativa de Alice enaltecendo que seu tipo de Hiper (Craniofacial) a impede de utilizar maquiagens comuns no universo feminino e utiliza o cosmético que se refere como “base” como um exemplo. Ela explica que a utilização desse produto em seu rosto “escorre”, devido ao contato com a sudação. Alice narra uma de suas experiências com a sudação e, em seguida, argumenta sobre sua vergonha vivenciada em seu trabalho, pelo fato de todos os outros funcionários se encontrarem “secos” e ela constantemente “molhada de suor”.

No *post* seguinte Afra, outra integrante do grupo revela que tem 36 anos e a última vez que fez uso de maquiagem tinha 15 anos de idade. Por fim, a Dianne afirma que seu cabelo sempre se encontra molhado pela sudação e fez a cirurgia que prometia acabar com a sudação, a Simpatectomia Torácica. Dianne explica que teve como efeito colateral o suor compensatório, ou seja, sua sudação continuou no rosto e se instalou em outras partes do seu corpo.

---

<sup>13</sup> Termo utilizado para fixar produtos cosméticos na pele.

26 de jan de 2018 às 11:17 PM • 📷

Meninas que transpiram muito no rosto, como vocês usam maquiagem sem derreter tudo? Porque por mais que a maquiagem seja matte, dura bem pouco em mim

GRÁTIS  
**Transpiração**  
Quatro Pontes PR

ENTRAR EM CONTATO

👍 Curtir

💬 Comentar

👍 2

Figura n. 26: Questionamento de Afra

Karen 🤔🤔🤔🤔  
Eu nem uso maquiagem  
2 a Curtir Responder

Isabela 🤔🤔🤔🤔  
Nem consigo usar  
2 a Curtir Responder

Rozi 🤔🤔🤔🤔  
Eu também não consigo usar  
2 a Curtir Responder

Carolina 🤔🤔🤔🤔  
Passo muito fixador  
2 a Curtir Responder

PhotoGrid

Figura n. 27: Respostas à Afra

**Silvana** 🤔🤔🤔🤔🤔  
Também tenho hiper no rosto e na cabeça. Uso cabelo raspado para não ficar toda molhada. Não é mole! Mas tô numa fase que não ligo mais. Quando tô disposta uso Odaban, mas até esse ritual tá me cansando. 👍🙄 5

7 sem Curtir Responder

PhotoGrid

Figura n. 28: Experiências de Silvana

**Paula** 🤔🤔🤔  
Uso rímel a prova de, Água, tudo a prova d'água, não dura como nas outras pessoas, mas dura um pouco mais!

2 a Curtir Responder

**Fernanda** 🤔🤔🤔  
Tenta mary kay!

2 a Curtir Responder

PhotoGrid

Figura n. 29: Opiniões

Minha hiperidrose é crânio facial. Não tenho mais vontade de sair porq não posso passar uma base q mela e escorre, não comprimento mais os outros com abraço. Quando alguém vem mi cumprimentar eu digo estou suada. Tenho vergonha até no meu trabalho. Outro dia fui em um café da manhã no meu trabalho uma xícara e leite com café mi fez suar igual uma condenada, quando minha chefe veio entregar o panetone e despedir morre de vergonha porq meu rosto estava encharcada de tanto suor. Todos ali lindo e esplêndido.

👍 Curtir

💬 Comentar

PhotoGrid

Figura n. 30: Relato de Alice

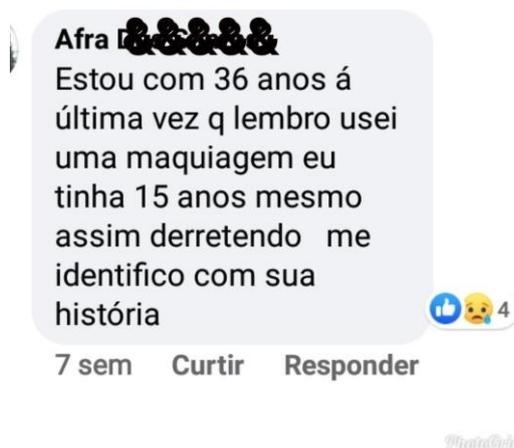


Figura n. 31:Relatos de Afra

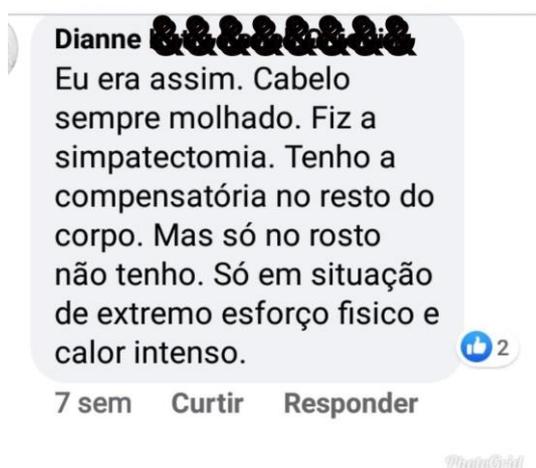


Figura n. 32:Relatos de Dianne

A partir dos diálogos destacados acima é possível perceber a formação do que parece ser uma prática comum entre mulheres acometidas por Hiperidrose Craniofacial. Suas narrativa revelam que vivenciam um “impedimento” de usar um procedimento corriqueiro dentro do universo feminino ou seja, a prática do uso de maquiagens faciais (pó facial, base, *blush*, rímel, sombra, etc.).

São diálogos que demonstram que a ação do suor constante se torna um agente de práticas e contribui para a construção de corporeidades que são

vivenciadas a partir de limitações que engendram em frustrações. São discursos reveladores de como a forma da utilização de maquiagens foram modificadas a partir de experiências anteriores, com menções ao evento da sudação em suas vidas cotidianas.

## 4 **Imagens do corpo com Hiperidrose enquanto representações do corpo**

Neste capítulo, procuro apresentar imagens que podem ser consideradas reveladoras de casos exemplares de membros desse grupo virtual. São representações do corpo enquanto possuidores da Hiperidrose, São corpos Hiperidróticos que são seus próprios portadores e representam-se em imagens que compartilham dentro desse grupo virtual, estabelecendo formas imagéticas enquanto narrativas de si próprio.

A fotografia abaixo foi postada no grupo de discussão virtual e pode ser vista como uma representação de parte do corpo acometida pelo suor excessivo, a hiperidrose plantar, que pode sugerir problemáticas do cotidiano que se enfrenta ao ter os pés totalmente encharcados de suor com frequência.



Figura n. 33: Pés Suados

## 4.1 O Uso de Imagens nas Pesquisas Sociais

No cenário contemporâneo, o modelo tradicional de elaboração das pesquisas em Antropologia, através da escrita apenas vêm sendo modificado com a inclusão da fotografia, não apenas como uma expressão artística, mas também como um novo formato para se construir conhecimentos científicos (ANDRADE, 2002). Andrade (2002) nos revela como o desenvolvimento da fotografia, proporcionou uma nova visão para o entendimento humano e permitiu uma maior compreensão da realidade das pessoas e das coisas. E a autora aponta que os recursos imagéticos são capazes de estampar características não suscetíveis através da escrita.

De acordo com Guran (2000), durante a construção de um trabalho dois tipos de fotos são produzidas e possuem finalidades diferentes, o primeiro tipo teria a intenção de se obter informações, já o segundo, seria para demonstrar conclusões onde o contexto que possibilitou sua criação deve ser analisado, além de sua especificidade. De acordo com esse autor devemos atentar para

Uma distinção fundamental a ser considerada na análise do material fotográfico é a natureza *emique* ou *etique* da imagem. No primeiro caso, quando ela foi produzida ou assumida pela comunidade estudada, encontra-se forçosamente impregnada pela representação que a comunidade ou seus membros fazem de si próprios... Já a fotografia feita pelo pesquisador, de natureza *etique*, é sempre uma hipótese a ser confirmada a partir do conjunto de dados recolhidos ou por meio de outros procedimento de pesquisa (GURAN, 2000, p. 155).

Nesta etapa do trabalho procuro discorrer sobre a importância da imagem fotográfica, seus usos e suas características, como um instrumento capaz de revelar através do aspecto visual, o modo como a Hiperidrose é percebida e representada nesse grupo virtual. Inicialmente, farei um levantamento de quantas fotografias de natureza *emique* foram compartilhadas no interior do grupo virtual no intervalo de tempo que vai de dezembro de 2016 a dezembro de 2019. Posteriormente, com esses dados em mãos, buscarei descrever como se dá o processo de criação dos

autorretratos ou *selfies* representativos da realidade dos indivíduos que compartilham suas emoções no interior da comunidade virtual.

## 4.2 A relação da Antropologia com as imagens

De acordo com Sílvia Caiuby Novaes (2005), a Antropologia acompanhou de perto o desenvolvimento do cinema e da fotografia. Os filmes etnográficos produzidos a partir do século 20, tornaram-se clássicos na década de 1920 quando tivemos os trabalhos de Robert Flaherty sobre a vida entre os Esquimós e em 1922 é publicado *Os argonautas do Pacífico Ocidental* de autoria de Malinowski. Realidade também evidenciada pelas pesquisas de Sullivan (1999) ao narrar que em 1936 a antropóloga Margaret Mead e seu marido Gregory Bateson se dirigiram para Bayung Gedé, no planalto central da ilha de Bali, e muito embora tenham escrito relativamente pouco sobre seu trabalho neste lugar, o casal deixou para trás um registro fotográfico extraordinariamente rico e extenso sobre sua estada por lá. Margaret Mead, Gregory Bateson e *Highland Bali* incluem 200 fotografias que o casal tirou entre 1936 e 1939, eles capturaram vividamente a vida cotidiana dos homens, mulheres e crianças de Bayung Gedé, além de suas casas e templos e muitos outros detalhes da vida nas aldeias que não aparecem nas publicações de Mead e Bateson.

O objetivo da Antropologia sempre foi contribuir para uma melhor comunicação intercultural com os pesquisadores e também quando realizada através do uso de imagens. Por isso Novaes (2015) observa que muito mais que palavras as imagens contribuem para essa meta "... ao permitir capturar e transmitir o que não é exatamente transmissível no plano linguístico" (NOVAES, 2005, p. 110).

Danbon (2005) nos revela que há mais de 20 anos houve a consolidação de um conjunto de práticas de pesquisa que tornaram a imagem como ferramenta, muito embora as preocupações metodológicas sempre se fizeram presentes nessas reflexões. O autor salienta que as preocupações se detinham nos aspectos formais ou técnicos da fotografia, tais como evitar a profilmia e etc. De acordo com Danbon (2005), à primeira vista a fotografia é o que há de mais realista, no entanto, trata-se de um simulacro, visto que poderíamos julgar que uma imagem fotográfica é algo eminentemente fabricado e essa fabricação assenta-se sobre preocupações relativas

à representação; representam somente algo que se assemelha às cenas no momento em que foram fotografadas (DANBON, 2005, p. 97).

A imagem é mais flexível que o texto, no sentido de acomodar múltiplos significados e é, portanto, um elemento essencial para que se possa analisar como esses elementos são construídos e compartilhados pelo meio social (NOVAES, 2005).

Assim, é no contexto de uma comunidade de indivíduos dentro de uma rede social virtual que imagens são compartilhadas e utilizadas nesse sentido de representações que são relevantes e expressam preocupações (DANBON, 2005), que compartilhados socialmente online expressam mais que a narrativa verbal, textual (NOVAES, 2005).

### **4.3 O Compartilhamento das Selfies: os Autorretratos das Sociedades Conectadas**

As *selfies* são “autorretratos fotográficos realizados com *smartphones* equipados com câmera frontal para postagem em redes sociais. Essas postagens são frequentemente acompanhadas de um comentário feito pelo próprio autor” (SANTOS, 2016, p. 01).

O compasso frenético e o caráter imediatista trazidos pelas novas tecnologias muito têm a declarar sobre a nossa forma de inserção no mundo nesses últimos tempos (SILVA; PINHO, 2014). De acordo com Santos (2016), nos últimos tempos já não se fotografa como antes, pois o ícone a ser fotografado não atrai o mesmo olhar de um fotógrafo amador. As fotografias anteriores resultaram impressões em papel destinadas a recheiar álbuns que davam forma material à preservação do passado e testemunho do vivido.

A natureza digital das imagens obtidas por meio de um smartphone é de fato uma poderosa ferramenta de comunicação. Por isso neste capítulo tratarei que quantificar os autorretratos compartilhados e os tipos de comentários causados pela imagem. Esse autorretrato digital sempre com a câmera voltada para si próprio, porém publicados em redes sociais é mais uma forma de expressão de si que a tecnologia mais recente põe a disposição dos indivíduos (SANTOS, 2016). Com isso pretendo

descrever como nós Hiperidróticos nos apropriamos dessa moderna ferramenta de comunicação para compartilharmos nossas emoções através das fotografias e das *selfies* compartilhadas no interior do grupo virtual.

#### **4.4 “Pequena História da Fotografia” nas Redes Sociais e do Grupo Virtual**

Na obra intitulada de *Pequena História da fotografia*, Walter Benjamin (1994) nos revela que inicialmente a fotografia tinha a função de evidenciar questões de cunho filosófico ou histórico esquecidas. Para este autor, a fotografia estava a serviço de qualquer aspecto que envolvesse a atividade dos homens. Apesar dos quase cem anos que nos separam da publicação do texto original em 1931, Benjamin já havia percebido a tendência de se tornar a câmera cada vez menor e portátil.

Na contemporaneidade, a nova forma de se comunicar trazida pela internet modificou a relação dos homens com a fotografia. O caráter frenético imposto pelas novas tecnologias aliado às práticas de consumo, alteraram a relação dos homens com a fotografia. Para Silva & Pinho (2014), o ato de estar sempre conectado às redes está modelando uma nova forma de ser, onde os indivíduos dependem de outros indivíduos para sustentar uma mera imagem projetada de quem pretendem ser.

Silva & Pinho (2014) se ancoraram na máxima de Barthes que argumenta que “tudo é linguagem, tudo é texto e produz um significado” para se referirem ao corpo humano que é capaz de produzir significação e o autorretrato é um gênero antigo através do qual o sujeito torna-se o objeto da representação. É uma forma instantânea de congelar o momento em que se encontra. E na atualidade, a *Selfie* tornou-se o autorretrato dentro das sociedades contemporâneas e é definida como “uma fotografia que a pessoa tira a si mesma, geralmente com um *smartphone* ou *webcam* e que depois descarrega numa rede social na internet” (SILVA; PINHO 2014, p. 14).

#### **4.5 Sobre as Imagens**

No intervalo de tempo que vai de Dezembro de 2016 a Dezembro de 2019, pude contabilizar um total de 123 fotografias compartilhadas como *post* primário, ou seja, aquele que dá início aos debates e não aquelas outras fotografias secundárias postadas em respostas. Sendo assim, pude reuni-las em três categorias que se destacam das demais fotografias por sua repetição. As fotografias evidenciadas podem ser descritas como:

**1ª CATEGORIA:** Venda de produtos e/ou propaganda comercial, totalizando 25 fotografias.

Nessas fotografias alguns participantes do grupo com Hiperidrose ou não, costumam vender paliativos, alguns apoiados em sua própria condição e experiência com o produto em questão.

No interior do grupo, há pessoas reconhecidas e indicadas pelo sucesso em suas negociações, muito embora uma comparação de valores, entre os vendedores, nunca é realizada por nós hiperidróticos.

Segue abaixo algumas fotografias que ilustram bem essa categoria:



Figura n. 34: Vende-se

Na fotografia acima é possível visualizar a facilitação proporcionada pela vendedora para a aquisição de paliativos.



Figura n. 35: Revendas

Na fotografia acima o vendedor se intitula como o vendedor oficial da marca a fim de conquistar maior credibilidade entre os possíveis clientes.

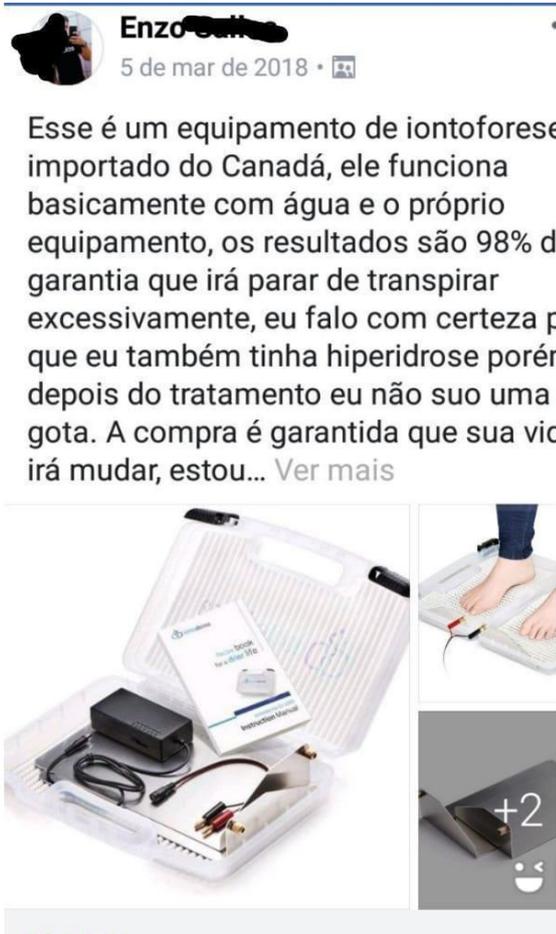


Figura n. 36: Soluções

Vendedor oferecendo produto importado e o oferece como um produto com certeza de ação efetiva, baseado exclusivamente em sua experiência.

**2ª CATEGORIA:** Compartilhamento de experiências, totalizando 38 fotografias.

Posso afirmar, ancorado em minha observação, que o fundamento das representações sociais da maior parte de nós que compomos o grupo virtual, está diretamente relacionado com as práticas de controle do suor, impostas pela Biomedicina. Quando analisamos a Hiperidrose a partir de uma visão antropológica, percebemos que a visão biomédica compreende a condição da Hiperidrose como um tipo de corpo que está fadado ao isolamento ou sofrimento, enquanto não se enquadrar nos padrões de corpo normalidade. Podemos constatar também que a normalidade é apenas um valor estético e, portanto, um valor moral sobre os estilos de vida (DINIZ, 2009).

A visão que formulamos sobre a Hiperidrose está amplamente condicionada ao olhar dos observadores exteriores e está ligada a eventos significativos que podem aparentar nojo ou repulsa por aqueles que nos observam.

Nossa representação social está diretamente condicionada aos aspectos estéticos e aos padrões de beleza vigentes, bem mais que os cuidados com a saúde, visto que a Hiperidrose não causa dores, apenas inúmeras formas de constrangimentos.



Figura n. 37: Dúvidas de July

O print acima demonstra uma Integrante do grupo mostrando sua experiência de alergia a paliativo extremamente comercializado entre os demais e perguntando sobre a possibilidade de os efeitos colaterais que ocorreram em sua pele terem também acontecido com outros membros do grupo.



Figura n. 38: Buscas

Integrante buscando saber quem vende determinado produto, exposto no print acima, e buscando colher experiências de outros paliativos, visto que essa é a forma mais rápida de acesso à eficácia de um produto, através da experiência do outro.

**3ª CATEGORIA** : As *selfies* que unem a partir de um senso de coletividade, totalizando 28 fotografias.

Essa categoria nos remete às mudanças ocorridas nos cenário contemporâneo com o surgimento e a proliferação das redes sociais virtuais que alteram a nossa forma de ver e viver a vida. De acordo com Filho (2012), não basta apenas estar conectado, é preciso construir parcerias, produzir parcerias e estar disponível. É necessária a criação de uma nova dinâmica social.

E nesse sentido é criado, em nosso grupo, um senso de coletividade, onde as pessoas revelam uma maior empatia pelo sentimento do outro que é percebido através dos comentários nas fotografias e no acompanhamento dos debates escritos. O grupo funciona como um local que possibilita o encontro de pessoas com interesses similares e assim se estabelece uma maior comunicação e cooperação, onde o reconhecimento das atividades e do sofrimento do outro implica numa mobilização coletiva, como fica evidente nos *prints* abaixo.



Figura n. 39: Revelações

Esse print pode ser interpretado, no interior do grupo, como um pedido de ajuda da integrante, no sentido de dividir a dor com aqueles que experienciam as mesmas emoções.



Figura n.40: Busca de Apoio

Na fotografia acima, fica clara a ideia de que a participante sabe que não está sozinha, por isso interroga se alguém mais acordou naquele estado, uma forma de não sentir-se sozinha.

## 5 ALGUNS APONTAMENTOS FINAIS

A atenção destinada às secreções humanas é um indicador de como determinados grupos sociais compreendem e utilizam o próprio corpo. São dados que

demonstram como fluidos corporais são concebidos e vivenciados pelos indivíduos a partir de experiências dentro do âmbito social.

Assim, o objetivo deste trabalho foi descrever como o suor e o corpo em sudação são percebidos e utilizados por aqueles que convivem com a Hiperidrose. E como essa autopercepção é elaborada dentro do debate no plano virtual através de uma rede social onde indivíduos que são hiperidróticos compartilham suas experiências, dificuldades e sensações ao conviver com seus corpos em sudação.

No início desse trabalho me detive sobre a descoberta da minha própria condição, quando vim a me tornar um hiperidrótico, até chegar a um grupo de pessoas que debatem sobre a condição de hiperidróticos dentro desse grupo social virtual. Foi possível, dessa forma, perceber e registrar como os indivíduos expressam a maneira em que seus corpos em sudação são vistos dentro de uma repulsa que, na grande maioria das vezes, "limita" contatos físicos, táteis, de afetividade corporal.

Em seguida, apresentei as corporeidades com Hiperidrose. Elas foram elaboradas a partir da repetição, dentro do grupo social investigado, de características expressadas pelos seus componentes em grande quantidade de vezes que surgiram. Um exemplo disso é o sentimento de vergonha, amplamente expressado, pelo hiperidrótico estar sempre suado. Ou a impossibilidade de performatizar práticas sociais ligadas à estética, no caso do gênero feminino, sobre o uso de cosméticos.

No capítulo final, apresentei casos exemplares e significativos em termos de quantidade que foram registrados. Elaborei um pequeno debate sobre o uso das imagens pelos integrantes do grupo. Neste capítulo, utilizei os *prints* como reveladores de registros fotográficos compartilhados que os participantes do grupo expressaram detalhes pormenorizados sobre seus corpos em sudação e como há uma solidariedade no grupo a partir dos comentários postados.

Ao realizar esse caminho, acima descrito, ao longo do trabalho, esse estudo dialogou com diversos campos antropológicos de pesquisa que possibilitaram analisar sob diferentes aspectos a participação de pessoas acometidas pela hiperidrose no grupo virtual pesquisado, como a Autoetnografia, a Antropologia da Saúde, Antropologia Visual e, sobretudo, pretendeu dar uma contribuição ao campo da Antropologia do Corpo e Ciberantropologia ao focalizar o corpo em sudação excessiva

e demonstrado através de imagens, muitas vezes autoimagens, e posto em discussão no interior do grupo.

Essa contribuição se refere sobre como indivíduos, dentro do contexto social que vivenciam esse evento da chamada Hiperidrose em seus corpos, expressam suas experiências, suas limitações, seus sofrimentos, seus constrangimentos com seus corpos em sudação no convívio social. A pesquisa realizada pretendeu registrar, investigar e descrever essas experiências, dentro de um grupo social virtual, com potencialidade para contribuir também para uma melhor qualidade de vida daqueles indivíduos que se encontram em situações socialmente semelhantes, em termos de vivenciarem uma corporalidade diferenciada.

## Referências Bibliográficas

AMARAL, Adriana. *Revista USP*, São Paulo, n.86, p. 122-135, junho/agosto 2010.

Disponível em:  
file:///D:/ANTROPOLOGIA%20VIRTUAL/antro%20digital/etnografia%20ciber%20cultura.pdf . Acesso em Abril/2019.

ALVES, Paulo César; MINAYO, Maria Cecília. (orgs). *Saúde e doença: um olhar antropológico*, Rio de Janeiro: Fio cruz, 1994

ANDRADE, Rosane de. *Fotografia e antropologia: olhares fora-dentro*. São Paulo: Estação da liberdade; EDC, 2002.

BACHELARD, Gaston. "A noção de obstáculo epistemológico". In BACHELARD, A *formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

BENJAMIN, Walter. "Pequena história da fotografia". In: *Obras escolhidas: magia e técnica, ciência e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro. *Civilização Brasileira*, 2003.

CUCHE, Denys. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. 2ª ed. Bauru-SP: Edusc, 2012.

CSORDAS, T. "A Corporeidade como um paradigma para a Antropologia". In: CSORDAS, *Corpo, Significado, Cura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2008,

DA MATTA, Roberto. " O ofício de etnólogo, ou como ter *anthropological blues*". In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica: subjetividade, paixão,improviso e método na pesquisa social*. Rio de Janeiro: Zaar, 1978.2

DANBON, Sebastian. "O etnólogo e suas imagens". In: SAMAIN, Etienne. *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 2005.

- DIEHL, Regina Lunkes. *Suando em Bicas: os constrangimentos causados pela hiperidrose*. São Paulo: Nobel, 2004.
- DINIZ, Débora. *O que é Deficiência?* São Paulo: Brasiliense, 2009.
- DOMINGUES, Diana Maria Gallicchio. *Ciberespaço e rituais: Tecnologia, Antropologia e Criatividade*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 181-198, jan./jun. 2004.
- DORNELLES, Jonatas. *Antropologia e internet: Quando o “campo” é a cidade e o computador é a “rede”*. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 241-271, jan./jun. 2004.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo. Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu*. Lisboa, Edições 70, 1966.
- DURHAM, Eunice R. “A Pesquisa Antropológica com Populações Urbanas: Problemas e Perspectivas” in CARDOSO, Ruth (org.). *A Aventura Antropológica: teoria e pesquisa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.
- FERREIRA, Jaqueline. “O Corpo Síguico”. In ALVES, Paulo César; MINAYO, Maria Cecília. (orgs). *Saúde e doença: um olhar antropológico*, Rio de Janeiro: ed. Fio cruz, 1994, pp 101-12.
- FERREIRA FILHO, Edson Pinto. *Redes Sociais Digitais: uma Nova Configuração no Estilo de Vida da Contemporaneidade*. Simpósio de excelência em gestão e tecnologia. 2012. Disponível em <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos12/26116205.pdf>. Acesso em Novembro/2019.
- FRAGOSO, Suely, RECUERO e AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.
- GILLES, D.& GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia vol. 1*. São Paulo: Ed. 34,1995.
- GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro:LTC. 2017.

- GURAN, Milton. *“Fotografar para descobrir, fotografar para contar”*. In GURAN. Cadernos de Antropologia e Imagem, 10(1), 2000.
- LANGDON, E. Jean. *A Doença como Experiência: a construção da doença e seus desafios para a prática médica*. Palestra oferecida na conferência de 30 anos Xingu. Escola paulista de Medicina. São Paulo, 1995.
- LANGDON, E. J; WIJK, F. B. *Antropologia, Saúde e Doença: uma introdução ao conceito de cultura aplicado às ciências da saúde*. Rev. Latino-Am. Enfermagem. mai-jun 2010 Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/rlae/v18n3/pt\\_23](http://www.scielo.br/pdf/rlae/v18n3/pt_23) Acesso em Outubro/2019.
- LAPLANTINE, François. *Antropologia da Doença*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LE BRETON, David. *Adeus ao Corpo: antropologia e sociedade*. 6ª ed. Campinas – SP: Papyrus, 2013.
- LE BRETON, David. *A Sociologia do corpo*. 3ª ed. Petrópolis RJ : Vozes, 2009.
- LEVY, Pierre. *O que é virtual*. São Paulo, Editora 34, 1996.
- MALUF, Sônia. *Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas*. Dossiê corpo e história. Departamento de antropologia da ufsc, 2001.
- MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In Mauss. *Sociologia Antropologia*. São Paulo, EPU/EDUSP, Vol. II, 1974. pp. 209-233.
- MILLER, Daniel e SLATER, Don. *Etnografia On e Off-line: Cibercafés em Trinidad*. Horizontes Antropológicos, ano 10, n 21. Porto Alegre, 2004. pp 41-65.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. (orgs). *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: ed. Fio cruz, 1994.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. “O uso da imagem na Antropologia”. In: SAMAIN, Etienne. *O fotográfico*. São Paulo: Hucitec, 2005. pp. 107-113.
- PRADO, Juliana. “As Novas Fronteiras Tecnológicas entre Intimidade e Solidão”. In Revista *Contemporânea*. v.3, n. 1, pp. 235 - 240. Universidade Federal de São Carlos: São Carlos-SP. 2013.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. 7ª ed. Rio de janeiro: Ed. Fiocruz, 2006)

- SAILLANT, Francine & GERNEST, Serge. Antropologia Médica: ancoragens locais desafios globais. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2012.
- SANTANA, Vanessa Rocha de. Perfil demográfico de crianças e adolescentes portadores de hiperidrose primária e a avaliação da qualidade de vida após simpatectomia toracoscópica /  
Dissertação de Mestrado. Orientadores: Sonia Oliveira Lima, Francisco Prado Reis. Aracaju-SE, 2012.
- SANTOS, Francisco Coelho dos. As faces da *selfie*: Revelações da fotografia social. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v.31 n.92. Belo Horizonte MG.2016.
- SBD - Sociedade Brasileira de Dermatologia. Disponível em <https://www.sbd.org.br/> acesso Março 2020.
- SHEPPARD, Emily. Ethnography Goes Online: An Ethnography of Online Interactions. *Ethnographic Encounters* v. 1 n.2 . Disponível em <https://ojs.st-andrews.ac.uk/index.php/SAEE/article/view/402> Acesso em agosto de 2020.
- SILVA, Alan Camargo e FERREIRA, Jaqueline. "*Suando a camisa*" em academias de ginástica do Rio de Janeiro: um estudo etnográfico. *Physis* [online]. 2016, vol.26, n.3, pp.769-783. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S0103-73312016000300769&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-73312016000300769&lng=pt&tlng=pt), acesso em janeiro/2020.
- SILVA, Alexandra e PINHO, Marco. *Selfie: o (auto) retrato das sociedades contemporâneas*, Novas tecnologias da comunicação/Sociologia da comunicação, 2014. Disponível em: [https://www.academia.edu/19941633/Selfie\\_O\\_auto\\_retrato\\_das\\_sociedades\\_contempor%C3%A2neas](https://www.academia.edu/19941633/Selfie_O_auto_retrato_das_sociedades_contempor%C3%A2neas). Acesso em junho de 2019.
- STRATHERN, Marilyn. "Os limites da autoantropologia". In STRATHERN. *O efeito etnográfico e outros ensaios*. SP: Cosac e Naify. 2014.
- SULLIVAN, G. Introduction. Margaret Mead, Gregory Bateson, and Highland Bali. *Fieldwork Photographs of Bayung Gedé, 1936-1939*. Chicago: The University of Chicago Press. 1999. p. 1-40.
- VELHO, G. "*Observando o familiar*". In: VELHO. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997, pp. 122 – 134.

WALL, Sarah. Uma autoethnography em aprender sobre a autoethnography. Revista internacional de métodos qualitativos, 2006. Disponível em: [http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/5\\_2/html/wall.htm](http://www.ualberta.ca/~iiqm/backissues/5_2/html/wall.htm). Acesso em Março, 2019.